



O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Declaro aberta a 42ª Reunião da Comissão de Assuntos Econômicos, em conjunto com a 25ª Reunião da Comissão de Serviços de Infraestrutura, meu caro Senador Armando Monteiro.

Comunico aos membros da CAE o recebimento dos seguintes documentos para seu conhecimento: Aviso nº 50, de 2012, de 29 de agosto de 2012, do Ministério da Fazenda, encaminhando, em cumprimento ao art. 41 da Resolução do Senado Federal nº 43/01, relatório contendo as características das operações de crédito analisadas no âmbito daquele Ministério no mês de julho de 2012; Tabela Demonstrativa da Dívida Consolidada Líquida e a Receita Corrente Líquida dos Municípios; Aviso do Banco Central nº 51, de 2012, de 31 de agosto de 2012, do Banco Central do Brasil, encaminhando, em cumprimento ao disposto na Lei nº 9069/95, o Demonstrativo das Emissões do Real referentes ao mês de julho de 2012, as razões delas determinantes e a posição das reservas internacionais a elas vinculadas; Aviso nº 53, de 2012, de 29 de agosto de 2012, do Tribunal de Contas da União, encaminhando cópia do acórdão proferido pelo Plenário daquela Corte nos autos do Processo nº TC000051/2012-8, bem como do relatório e do voto que o fundamentam, referentes ao acompanhamento da operação de crédito autorizada pela Resolução do Senado Federal nº 22, de 2011.

Os expedientes serão encaminhados aos membros da Comissão de Assuntos Econômicos por meio de ofício circular.

Entramos agora na pauta.

Hoje, o assunto, a finalidade é: apresentação do Plano de Negócios da Petrobras para os próximos anos; exposição informativa sobre o mesmo, relativa ao quinquênio 2012/2016 da empresa; análise do Requerimento nº 11, de 2012, do Senador Inácio Arruda; do Requerimento nº 26, de 2012, do Senador José Pimentel; do Requerimento nº 27, de 2012, do Senador Ricardo Ferraço; do Requerimento nº 29, de 2012, também do Senador Ricardo Ferraço; e do Requerimento nº 30, de 2012, também do Senador Ricardo Ferraço.

A convidada é a Srª Presidenta da Petrobras, Drª Maria das Graças Silva Foster, que já se encontra no plenário da comissão.

Peço à minha assessoria para conduzir a Drª Graça ao plenário.

(Pausa.)

Muito bem-vinda, Drª Graça...

O SR. RICARDO FERRAÇO (Bloco/PMDB – ES) – Pela ordem, Sr. Presidente, para uma preliminar.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – ... e toda a sua equipe de competentes profissionais da nossa querida Petrobras e Senador José Eduardo Dutra, a quem peço aqui para nos acompanhar nesta Casa, que é de V. Exª, acima de tudo, meu caro José Dutra. (Pausa.)

De acordo com o art. 94, §§ 2º e 3º do Regimento Interno do Senado Federal, a Presidência adotará as seguintes normas: a convidada fará sua



exposição pelo tempo de 20 a 30 minutos e, em seguida, abriremos a fase de interpelação pelas Senadoras e pelos Senadores inscritos. A palavra às Senadoras e aos Senadores será concedida pela ordem de inscrição. Os interpellantes exporão durante 3 minutos, assegurando-se igual prazo de resposta para o interpellado.

O Senador Ferraço pediu a palavra pela ordem.

O SR. RICARDO FERRAÇO (Bloco/PMDB – ES) – Sr. Presidente, eu sei do esforço de V. Exª para que pudéssemos fazer esta audiência pública e ter o prazer e o privilégio de ouvir a nossa Presidente da Petrobras, Drª Graça Foster.

Esta reunião, em princípio, seria pela manhã, mas foi marcada de última hora para as 14 horas.

Neste exato momento, nós estamos instalando a comissão temporária que vai edificar, redigir o novo Código de Defesa do Consumidor. E eu fui designado Relator dessa Comissão para trabalhar o novo CDC à luz da nova conjuntura. O CDC em vigor não contemplou o comércio eletrônico, o subendividamento e assim por diante. Então, em algum momento, eu vou me retirar. Lamentavelmente, não poderei participar, em razão de esta reunião não ter sido confirmada como planejado. Isso causou em nossa agenda um tumulto muito grande. De modo que eu faço esses registros. Se em algum momento eu me retirar, foi por essa razão, Drª Graça.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Senador Ferraço, foi importante até V. Exª ter feito essa observação. Na verdade, nós iríamos fazer a reunião às 10 horas. A Drª Graça disponibilizou o seu tempo para vir às 10 horas da manhã. Aliás, veio ontem, inclusive, a Brasília. Mas hoje houve um evento relativo ao pacote principalmente de energia elétrica, que foi fundamental para o País, porque impacta diretamente o preço da energia, que é um insumo essencial para o desenvolvimento econômico do nosso País. E a Drª Graça, até por comandar uma empresa de energia e pela relevância que a Petrobras desempenha nesse setor, foi convocada pela Presidenta Dilma. Por isso nós passamos para as 14 horas. Inclusive, até perguntei à Drª Graça se ela não gostaria de marcar outro dia, e ela, muito pelo contrário, colocou-se à disposição, dizendo que faz questão de realizar esse debate, apresentar o plano de negócios, aproveitando a vinda dela aqui, que tem uma agenda bastante carregada. Todos nós sabemos como é a agenda de alguém que preside uma companhia do tamanho da Petrobras. Então, foi essa a razão. Mas é absolutamente legítima a preocupação de V. Exª.

O SR. RICARDO FERRAÇO (Bloco/PMDB – ES) – A razão é justificada evidentemente. Mas na luta do rochedo contra o mar, os pequenos mariscos aqui do Senado ficam a ver navio.



O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Ferraço.

Eu passo agora, imediatamente, a palavra à Drª Maria das Graças Silva Foster, Presidenta da Petrobras.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Bom, boa tarde a todos vocês! É uma imensa oportunidade estar aqui, Senadores.

Eu gostaria de dizer que, nesse período de preparação dessa apresentação, nós fizemos uma leitura de várias oratórias dos senhores e, nessa apresentação, procuramos já adiantar algumas informações, para tornar o debate bastante produtivo.

O eslaide, por favor.

Nós começamos... Nós somos vendedores, não é? Nós vendemos gasolina, diesel, fertilizantes, ureia, amônia, energia elétrica. Então, o aquecimento do consumo é muito importante para a Petrobras e advém exatamente dos indicadores econômico e social bastante promissores, positivos para esse consumo.

No desemprego há uma redução, nesse período de 2002 a 2011, de 5,7 pontos percentuais. O nível de pobreza se modificou. Houve uma migração das classes E e D para a classe C, movimentação dentro das classes A, B, C, ascensão das classes sociais, como eu havia dito. A pobreza extrema também foi reduzida. A taxa de juros foi de 15,75% para 7,5%, passando por valores intermediários, o que também denota motivo para o consumo. E um indicador muito interessante para nós que atuamos muito fortemente na petroquímica é o consumo *per capita* de resinas termoplásticas. Quando você mais tem empregos, ascensão nas diferentes classes sociais, redução da pobreza, tem-se um consumo de resina bastante expressivo. São mais pessoas comendo, mais carros, mais roupas, tudo isso com a base da indústria de petróleo e gás e com uma base na petroquímica.

Então, a mudança desses indicadores, a melhoria desses indicadores motiva e sustenta o consumo de uma série de derivados.

No próximo eslaide, nós apresentamos algo que realmente impressiona quando estamos conversando com investidores, quando estamos conversando com outros países, com outros dirigentes de companhias de petróleo. Eles ficam impressionados com o crescimento do nosso consumo.

A demanda por gasolina no Brasil, no período 2000 a 2011, cresceu 49%, enquanto cresceu 15% no mundo; a demanda por diesel, 43%, contra 29% no mundo; a demanda por QAV, 53% – muito mais pessoas viajam no Brasil hoje, para dentro e para fora do País –; e a demanda por óleo combustível caiu muitíssimo no Brasil por conta da entrada do gás natural na matriz energética brasileira. Então, é um consumo muito expressivo.

Quando você fala que a gasolina aumentou 48% nesse período, os COs, os dirigentes de companhias dizem: “Vem cá, não é 4,8%?” Não, é 48%.



No próximo eslaide, nós temos a questão da formação de preços desses combustíveis no Brasil.

A Petrobras tem uma política de preços de médio e longo prazos. Para nós, que temos praticamente 100% do mercado de consumo de derivados, é muito importante o crescimento do consumo, a estabilidade desse consumo, que esse mercado se caracterize e se firme. Então, não faz sentido nós passarmos à volatilidade do Brent, que hoje já bateu US\$104,00 o barril, variando dos US\$100,00, nos últimos quinze, vinte dias, até US\$114,00. Nós não passamos a volatilidade dos preços para os nossos consumidores.

Se olharmos ali: janeiro de 2002 a janeiro de 2012, nesses anos que nós apresentamos, nos anos de 2003, 2007, 2009 e 2010, nós fizemos aqui um preço de derivados maior do que o preço internacional e, nos outros anos, uma diferença desses mesmos preços. Na média, se fizermos a integral desse conjunto de dados que aí estão, nós teremos um resultado favorável para a Petrobras, o saldo será positivo.

Na parte de baixo, naquelas linhas e colunas azuis, aparece o consumo crescente de diesel e de gasolina. A Petrobras tem uma formação de preços que considera o mercado no médio e no longo prazo.

Próximo eslaide.

Aí nós olhamos para frente. Para nós, dez anos na Petrobras é pouco tempo, cinco anos é amanhã. Então, para nós, que investimos de forma sistemática, de forma pesada nos vários segmentos da cadeia de petróleo e de gás, interessa muitíssimo o presente, a estabilidade do presente e olhar para o futuro.

Então, nós olhamos o crescimento do mercado de derivados. Os números, as análises que nós fazemos, os estudos de mercado, mostram um crescimento de 4,5% ao ano de 2011 para 2020. Nós sairemos de um mercado que compra 2,3 milhões de barris por dia para um mercado que vai comprar 3,4 milhões de barris por dia de derivados.

No ano de 2020, por exemplo, o diesel vai crescer muitíssimo; de 2011 para 2020, crescerá 65%; a gasolina, 23%; o mesmo ocorrerá com o álcool, com o etanol retornando à sua condição de suprimento estável no mercado.

Olhamos agora para fertilizantes e, mais uma vez, nos impressionamos com os consumos. O Brasil tem um crescimento na demanda por amônia de 32%; o mundo, 26%. E quando a gente olha a ureia, realmente é impressionante: 72% é o crescimento do consumo de ureia no Brasil, contra 43% no mundo. O consumo de sulfato de amônio: 23% contra 20% no mundo. É impressionante, mais uma vez, o consumo de fertilizantes potássicos: 73% no Brasil e 31% no mundo. Ou seja, nós estamos plantando muito mais, colhendo muito mais, trabalhando muito mais a terra, porque temos aqui dentro um consumo também muito maior de alimento.



Como fica de 2011 para 2020? Nós temos 2,9% de crescimento ao ano; a ureia cresce 30%, e a amônia, 67%.

Na sequência, olhamos também o biodiesel.

Nós tivemos um crescimento bastante grande. Até 2003, nós não tínhamos plantas comerciais de biodiesel; hoje nós temos 6,8 milhões de metros cúbicos de capacidade instalada no Brasil contra a 58,5 no mundo. Um consumo, uma demanda para o biodiesel de 2,7, quando o mundo tem 22,3. Interessante observar que existe muito mais capacidade, 2,5 vezes, do que produção, tanto no Brasil quanto no mundo.

As oleaginosas sofrem muito mais a volatilidade de preço. O Capex é muito menor do que o Opex na implantação de fábricas de biodiesel. Então, essa capacidade adicional em relação à produção é exatamente a mesma no Brasil e no mundo.

Olhamos o próximo eslaide e verificamos que, para o biodiesel, no mesmo ritmo do diesel, se ficarmos apenas no B5, nós teremos um crescimento de 4,9% ao ano de biodiesel.

No eslaide seguinte, fazemos um zoom sobre o pré-sal. Então, temos todas aquelas oleaginosas para produzir o diesel e temos também o pré-sal numa posição muito vantajosa para as Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, principalmente nossas reservas do pré-sal que estão a 300 quilômetros do mercado consumidor. Esse valor das nossas reservas outras grandes operadoras não têm, porque elas têm a sua produção dividida em vários países. Mas ali nós temos uma aproximação fantástica, excepcional, de 300 quilômetros frente ao maior mercado consumidor da América Latina.

Olhamos a Petrobras – não nesse eslaide, mas no próximo –, a produção de óleo e gás natural no Brasil de 2000 a 2011, cujo crescimento foi de 73%, enquanto no mundo, 12%. A produção de gás, no Brasil, nesse mesmo período, 2000 a 2011, cresceu 61%; no mundo, 36%. E as reservas de óleo e gás natural, 73% no Brasil e 38% no mundo. Então, os nossos indicadores, que mostram um crescimento de reserva, produção de petróleo e produção de gás natural, são realmente e impressionantemente maiores do que tudo que aconteceu no mundo nesse mesmo período.

No eslaide seguinte, as nossas reservas provadas de petróleo, 15,71 bilhões de barris de óleo equivalente, foram reservas SEC (Security and Exchange Commission) provadas no ano de 2011.

Olhando só o que a Petrobras tem, na cessão onerosa e mais na concessão no modelo antigo para o pré-sal, nós vemos ali exatamente – não só pré-sal, mas pós-sal também, dentro daquele volume – 15,8 bilhões de barris de óleo descoberto. A confirmação dessas reservas se dará ao longo dos próximos três, quatro anos, e hoje nós podemos dizer que temos, entre reservas provadas e volumes potencialmente recuperáveis, 31,5 bilhões de barris de óleo equivalentes.



Grande parte de nossas descobertas, como os senhores e as senhoras sabem, estão localizadas em águas profundas.

Gostaríamos de deixar bem claro que nós fomos os líderes em descobertas de petróleo no mundo do ano de 2005 para o ano de 2010. Sessenta e três por cento das reservas em águas profundas no mundo foram descobertas pela Petrobras. E de 2005 até agosto de 2012, a Petrobras declarou à Agência Nacional de Petróleo 63 descobertas. Somente até agosto deste ano, de janeiro a agosto deste ano, fizemos nove declarações de descobertas para a Agência. No ano de 2005 e no ano de 2006, nós fizemos uma declaração de descoberta. Hoje, são 63.

Por que esse número cresceu em 2012, 2011, 2010 e 2009? Pelo maior conhecimento, maior nível de maturidade que nós atingimos na avaliação dos nossos dados. É um número expressivo, considerando que o que a Petrobras tem na mão, hoje, não são reservas, mas reservas provadas mais volumes potencialmente recuperáveis.

No próximo eslaide, nós mostramos que, para o futuro da nossa companhia, nós temos trabalhado para que a relação reserva/produção, nos anos após 2015, após 2020, após 2025, seja maior do que 15 anos. Há um trabalho muito forte, uma migração em direção à margem leste e à margem equatorial, na busca de novas acumulações de hidrocarbonetos, para justificar nossas futuras carteiras de produção e para, conseqüentemente, manter a relação reserva/produção.

Então, é muito importante dizer que, no que se refere ao pré-sal e à Cessão Onerosa, o maior trabalho da Petrobras tem sido feito na consolidação e na delimitação desses campos.

Na busca de novas acumulações, nós estamos partindo para a margem leste e focando muitíssimo a margem equatorial, na busca de confirmação de novas províncias petrolíferas.

Esse eslaide é extremamente importante, porque ele marca a relação da Petrobras em relação às *majors*, em relação à ExxonMobil, em relação à British Gas e à British Petroleum.

Eu gostaria de mostrar aos senhores, no próximo eslaide, que, enquanto a produção da Petrobras cresceu 45% de 2002 para 2011, a produção de óleo e de gás da ExxonMobil, nesse mesmo período, cresceu 6%; a da British Petroleum diminuiu 2%; a da Shell caiu 19%; e a da Chevron cresceu mais 2%. Então, a Petrobras, nesse mesmo período, teve um crescimento muitíssimo mais significativo do que as outras *majors*.

Chamo a atenção para um ponto específico: são 84% de óleo nessa produção e 16% de gás; nas demais companhias, o valor é muito menor do que esse. No caso da ExxonMobil, há 47% de óleo e a diferença em gás. Ou seja, todas elas têm muito mais gás do que petróleo. Hoje – tem sido assim ao longo da história –, o petróleo tem um valor intrínseco muito maior, pela sua mobilidade e



pela facilidade da movimentação, da importação e da exportação, do que o gás natural.

Então, esse eslaide é muito importante, para que a gente possa comparar o desempenho da Petrobras com o das outras empresas.

O mais importante ainda é que grande parte dessa produção está localizada no Brasil. É diferente de outras grandes empresas que operam espalhadas no mundo.

No próximo eslaide, mostramos o histórico de investimentos da Petrobras. Começamos, em 1999, com R\$7,6 bilhões e, no ano de 2011, tivemos um investimento de R\$72,6 bilhões, dez vezes maior do que o de 1999, por exemplo. No ano de 2010, esse investimento foi maior ainda: R\$76,4 bilhões. O nosso orçamento de capital aprovado em março de 2012 é de R\$87,5 bilhões.

Naquele quadrado pontilhado, está apresentado o primeiro trimestre de 2012 e o segundo trimestre de 2012. Já estão realizados, no primeiro semestre, R\$38,7 bilhões de investimentos, e vamos chegar, neste ano, muito próximo aos R\$87,5 bilhões. Temos feito um trabalho muito forte na companhia para que os projetos aconteçam no prazo e atendam às curvas físicas planejadas, assim como às curvas financeiras.

Completando o eslaide, nós mostramos o lucro líquido da Petrobras no mesmo período. Saímos de um lucro líquido de R\$1,8 bilhão no ano de 1999 e chegamos a um lucro líquido de R\$35,2 bilhões em 2010 e de R\$33,3 bilhões em 2011, ou seja, um patamar muitíssimo significativo de resultado líquido para a companhia, para o controlador e para seus acionistas.

O SR. ALOYSIO NUNES FERREIRA (Bloco/PSDB – SP) – Todos os valores nominais.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Exatamente. Nominais. É possível compará-los, todos eles. Não é isso? São valores nominais. Exatamente. O senhor tem toda razão, Senador.

Quando nós olhamos o primeiro trimestre de 2012, são R\$9,2 bilhões no primeiro trimestre e um prejuízo de R\$1,3 bilhão neste segundo trimestre de 2012. Nós não temos autorização, não podemos apresentar a projeção de resultados do terceiro trimestre, que já está praticamente fechada. Nós já estamos no dia 11 de setembro, e este trimestre está praticamente fechado. E temos o Outlook do quarto trimestre, também de 2012. Então, o investimento cresceu a uma taxa de 21% ao ano, contra um lucro líquido de 28% ao ano.

Eu queria mostrar para vocês a composição daquele resultado negativo de R\$1,3 bilhão. Quatro fatores principais justificam aquele resultado. O primeiro deles, a desvalorização cambial. A Petrobras tem uma dívida contratada em dólar de 74% da sua dívida total. E essa dívida está atrelada, vinculada ao dólar. Com isso, você tem uma perda no resultado financeiro da companhia de



US\$6,9 bilhões. Não é um desencaixe. Isso não é caixa. Quando acontecer uma apreciação do real, a diferença retornará para o nosso caixa.

Nós tivemos uma queda na exportação de petróleo, uma produção menor de petróleo motivada principalmente pela manutenção e intervenções necessárias que fossem feitas, e estão sendo feitas, na UOBC (Unidade Operacional da Bacia de Campos), e uma baixa de 41 poços secos. Isso trouxe também uma redução no resultado da companhia de R\$2,2 bilhões, comparando este ano com o ano anterior. E nessa baixa de poços secos, novamente, o recurso já foi gasto na época da perfuração. Quando você termina a atividade exploratória e devolve o campo à Agência Nacional de Petróleo, esse poço seco ou subcomercial, ou uma perda por operação, esse resultado é baixado do resultado líquido da companhia. Mais uma vez, também não é uma saída do caixa da companhia, mas sim o resultado contábil da companhia.

Nós tivemos uma queda na margem de derivados. Nós temos importado derivados com uma margem menor, e isso também trouxe um resultado negativo, uma diferença negativa de um trimestre para outro de R\$1,8 bilhão. E aí se justificou exatamente esse resultado líquido de R\$1,3 bilhão. Nós acreditamos que esse resultado não se repetirá, e pelas mesmas razões. É muito improvável que todos esses efeitos aconteçam ao mesmo tempo.

No eslaide seguinte, nós mostramos onde se deram esses poços secos. E nós chamamos a atenção para o fato de que, desses 41 poços secos, dois ocorreram no pré-sal.

Registramos também que temos um índice de sucesso exploratório, quando se soma terra e mar, pré-sal e pós-sal, de 59%. E esse resultado está muito acima da melhor média mundial, que é de 30%. No pré-sal, nosso índice de sucesso foi, no ano passado, 2011, de 94%. É um índice de sucesso esplêndido. E a média nossa também é praticamente o dobro da média mundial.

O ponto importante a chamar a atenção é que estamos, como disse, migrando para a Região Norte do País. E lá em cima, na foz do Amazonas, em Sergipe e em Santos, esses poços juntos, cinco poços, são responsáveis por R\$1,54 bilhão desse resultado total de 41 poços secos.

À frente.

Nós chegamos ao plano de negócios, que eu apresento também de uma forma bastante sintética.

Nós temos, na área de exploração e produção, US\$131,6 bilhões de investimento para este período 2012-2016. E esse investimento de US\$131,6 bilhões justifica o grande investimento na área de abastecimento e, em especial, nas novas refinarias, gás e energia. Temos petróleo – o nosso gás é associado ao petróleo –, é preciso fazer a movimentação desse gás e lá existe um investimento de US\$13,5 bilhões; a área internacional, US\$10,7 bilhões; a área de distribuição, US\$3,3 bilhões; e biocombustíveis, US\$2,5 bilhões. Ou seja, o investimento total do plano de negócios da Petrobras é US\$236,5 bilhões.



Existem condições de contorno batentes para que a gente possa realizar esse investimento. A manutenção do grau de investimento, *investment grade*, é fundamental para a Petrobras. Então, nós temos que trabalhar o nosso endividamento de tal forma que não percamos esse grau de investimento e, para isso, a nossa alavancagem tem de ser menor do que 35%; o indicador dívida líquida/EBITDA, a geração de caixa da companhia, não pode ser maior que 2,25 vezes; não haverá emissão de novas ações; e há sim uma carteira de investimento de US\$14,8 bilhões. São as condições de contorno.

Nós temos que trabalhar dívida, temos que trabalhar o caixa, garantir o grau de investimento da companhia - R\$131,6 bilhões no E&P é a prioridade absoluta da Petrobras, a produção de petróleo.

Na sequência, nós mostramos um eslaide extremamente importante na nossa companhia, que define as fases dos projetos e esta estruturação: projeto em avaliação, projeto em implantação, projeto em operação. Desde que estou na companhia e lido com projetos – e são muitos anos na empresa –, nós temos essa classificação da etapa de cada projeto.

A partir do ano de 2006, foi instituído um processo de gestão desses projetos todos que se chama Sinapse, que trata fundamentalmente da obtenção dos dados nas fases de planejamento, nas fases da execução da obra e na fase de operação. Esses dados todos constituem a base de dados da Petrobras, que nós chamamos, internamente, de lições aprendidas. E essa alimentação, obrigatoriamente, entra na elaboração do novo projeto, para que a gente possa aprender com a nossa experiência. E é uma experiência que está planejada a totalizar US\$236,5 bilhões do ano de 2012-2016.

Não existe, desde 2006, nenhum projeto na companhia que possa começar, que possa mudar de fase se o gestor não demonstrar que ele colecionou todas as informações positivas e negativas para começá-lo. Assim, nós colocamos aqui alguns projetos em implantação, como, por exemplo, a refinaria Abreu e Lima. A última refinaria que a Petrobras construiu foi em 1980. Nós compramos o projeto da Snamprogetti, uma empresa italiana; esse projeto foi comprado e foi construída essa refinaria.

Nós temos hoje a RNEST com 63% das atividades físicas em andamento. Ou seja, nos últimos 30 anos, nós não construímos refinaria alguma. Esse processo de aprendizado da RNEST é extremamente importante para que a gente utilize, colectione as boas informações, as informações que justifiquem ensinamentos, a fim de que possamos agora projetar e construir a refinaria Premium I e a refinaria Premium II. São aquelas métricas internacionais que nós precisamos seguir. Nós chamamos essa etapa de Sinapse, lições aprendidas, mudanças e melhorias.

Na área do gás e energia, por exemplo, nós construímos várias térmicas nos últimos cinco, seis anos. Uma térmica que é referência para nós, que tem nos ensinado muito, é a térmica de Cubatão, que ensinou a Petrobras, nesse



mesmo processo de lições aprendidas, a construir as térmicas de Tambaqui, Jaraqui, Manauara, no Norte, e nos ensina a construir a nossa térmica na Baixada Fluminense, que vai entrar em operação em novembro de 2014.

Não existe projeto bem-sucedido ou malsucedido que não seja escrito para poder ensinar as boas práticas.

Na sequência, nós temos a E&P, mudanças e melhorias o tempo todo.

A P-57, que está no campo de Jubarte, tem um conteúdo local de 69%. Essa planta FPSO ensinou a P-62, que está hoje no Estaleiro Atlântico Sul, em Pernambuco. E está sendo feita a integração dos módulos de processo com o FPSO. Esse conjunto ensina todo aquele conjunto de plantas, de unidades estacionárias de produção, que deverão ser construídas até 2020. Então, é um ensinamento contínuo.

No próximo eslaide, nós temos, ali, apresentados os gasodutos.

Do ano de 2007 ao ano de 2011, nós construímos mais de 3.800 mil quilômetros de gasodutos. Um dos gasodutos muito bem-sucedidos, o Gasduc III, que foi o primeiro gasoduto em túnel da Petrobras, inaugurado em fevereiro – entrou em operação em fevereiro de 2010 –, ensinou o gasoduto Caraguatatuba-Taubaté, que entrou em operação em março de 2011.

Então, o gasoduto Cabiúnas-Vitória está dentro de um túnel. Há uma entrada e uma saída. O Gastau, na verdade, é um emboque. Você tem uma entrada, e não tem uma saída. E o Gastau tem uma tuneladora que está enterrada nesse gasoduto, e essa tuneladora enterrada trouxe para nós um ganho de mais de R\$700 milhões à época. Ou você enterra, ou você perde aquela produção de óleo e gás, porque seriam necessários mais 104 dias para retirar essa tuneladora. E nós aprendemos com o mundo.

O próximo eslaide mostra para nós três casos muito interessantes de emboques que também – há vários casos na literatura, mas estes foram os que nós mais estudamos – deixaram a tuneladora dentro do túnel. Naquele ali embaixo, da Austrália, vejam aquele parágrafo escrito em vermelho: “Esta decisão [de deixar a tuneladora] evitará a necessidade de mais três meses de trabalhos”. São 90 dias para a retirada da tuneladora. E ela também foi deixada dentro do emboque, exatamente como nós deixamos a tuneladora dentro do Gastau, para mostrar que as lições vêm também com o mundo.

No próximo eslaide, nós mostramos as metas de produção. No nosso Plano de Negócios 2012-2016, houve uma postergação da curva de produção em aproximadamente dois anos. Existe uma diferença muito grande entre postergar uma curva de produção e perder a capacidade de produção. É completamente diferente.

Recentemente, uma das empresas que operam no Brasil apresentou uma perda do potencial de produção. A Petrobras tem tido um potencial de produção maior em muitos casos, por exemplo, no campo de Lula. Seriam



necessários seis poços para topar a plataforma, o que dá 100 mil barris/dia. A plataforma foi topada com quatro poços. Isso significa que cada um dos quatro poços teve um potencial muito maior.

Essa curva sofreu um atraso de dois anos, porque 36% das justificativas são decorrentes das unidades de produção e das sondas de perfuração, atrasos em unidades de produção produzidas no exterior e produzidas também no Brasil. E houve atrasos de sondas de perfuração. Todas as sondas de perfuração para lâminas d'água maiores que 2 mil metros foram construídas em Cingapura, na Coreia, no Japão, na Noruega e atrasaram mais de 1,5 ano. Então, sem sondas de perfuração, você não pode executar a campanha de poços e interligações com as unidades de produção. E 20% do atraso decorreram exatamente do baixo rendimento da campanha de poços ou do menor rendimento da campanha de poços – você tinha menos sondas de perfuração – e 21%, algumas das novas descobertas foram postergadas, porque a diretoria da Petrobras tomou a decisão de colocar nas curvas de produção aqueles prospectos de grande maturidade, para que pudéssemos entregar aos acionistas a efetiva curva de produção. Então, nós temos um atraso intrínseco de dois anos, 23% a menor eficiência operacional nas unidades em produção. E aí nós estamos falando especificamente da UO-BC.

Então, essa é a distribuição. Houve um atraso de dois anos, não uma perda do potencial de produção, e esse dado é muitíssimo importante.

Caminhando para o final.

Nós olhamos, então, US\$131,6 bilhões de dólares para o E&P. O desafio é enorme – ele foi quantificado e os riscos também, assim como foi quantificada a probabilidade de sucesso. Nós vamos construir, de 2012 até 2020, 49 sondas de perfuração, 33 sondas aqui no Brasil, e vamos construir 38 unidades de produção aqui no Brasil com algum nível de conteúdo local.

Próximo por favor.

Estamos construindo hoje... A boa notícia que temos é que nós acabamos de interligar, ontem à noite, mais uma unidade de produção, aquela que eu apresento aos senhores e às senhoras: Cidade de Anchieta, Baía de Guanabara, 100 mil barris. Foi interligado ontem à tarde e hoje já estamos com a pressão regulada na cabeça do poço.

Próxima UFPSO, Cidade de Itajaí: entra até dezembro deste ano. Nós temos a P-55, que foi um recorde em estaleiros de elevação de carga. Construímos a base, o casco, o projeto foi completamente feito no Brasil. A P-55 foi feita, construída no Estaleiro Atlântico Sul. A integração do *deck* das unidades de processo está sendo feita no Estaleiro Atlântico Sul, Cidade de São Paulo, conteúdo local de 50%, e primeiro óleo já em janeiro de 2013.

Bom, essa é a curva de produção para o ano de 2012. Nós tivemos uma queda da produção, no ano de 2012, justificada especialmente pela necessidade que tivemos de fazer uma série de paradas programadas neste ano,



para que pudéssemos garantir a sustentabilidade da produção de petróleo na UO-BC, recuperar a eficiência operacional de uma unidade da Bacia de Campos.

Nós tivemos a perda de Frade este ano. São menos 15 mil barris de petróleo – Frade é um campo operado pela Chevron –, e tivemos uma perda do potencial de produção também nesta mesma unidade, Bacia de Campos.

Já adiantei que, na entrada, hoje, de Cidade de Anchieta, nós vamos atingir a rampa máxima em fevereiro de 2013. Ligamos ontem a válvula que comunica o poço com a unidade de produção, e essa conclusão vai-se dar efetivamente até o próximo mês de fevereiro de 2013.

Seguindo.

Aí está um programa que já vinha sendo estruturado anteriormente ao ano de 2012: foi lançado recentemente. Nós temos de recuperar a capacidade de produção dessa unidade da Bacia de Campos. Ela é muitíssimo importante, faz parte da nossa curva. São equipamentos que são expostos a condições severas com relação à sua integridade, mas são passíveis de recuperação; nós já fizemos isso no ano de 2004/2005 e agora teremos de voltar a fazer, porque o petróleo mais barato que nós temos, que está mais à mão, é esse das áreas em vermelho, que já estão produzidos.

Terminando.

Passamos para a área de refino e, aí, nós mostramos a importância de construirmos as refinarias, além da RNEST. Nós precisamos concluir o trem 1 do Comperj nas datas estipuladas; RNEST, novembro de 2014; o trem 1 do Comperj em abril de 2015.

Mesmo fazendo as novas refinarias, que já estão sendo concluídas, ainda assim nós temos de fazer Premium I, ainda assim nós temos de fazer Premium II, o segundo trem de Premium I e o segundo trem do Comperj. Tudo isso somando dá uns 3,2 milhões de barris de capacidade de refino no Brasil e ainda vai ficar faltando um pequeno volume que nós temos de acompanhar dado o crescimento do mercado. Essas refinarias são necessárias, são extremamente importantes. Nós não podemos estar importando derivados nos volumes que vamos precisar em 2020, porque estaríamos extremamente expostos à volatilidade dos preços internacionais.

Na sequência, mostramos as plantas de fertilizante. Uma planta de fertilizantes em Três Lagoas vai produzir ureia e será uma das maiores, certamente a maior planta de uréia da América Latina, e já está em obra. O sulfato de amônio em Sergipe, mesmo no *site* da fábrica de fertilizante em Sergipe, também já está em obra. A UFNIII, como eu disse, já está em obra e, do outro lado, em vermelho, para cobrir aquele déficit que ainda vai ficar numa exposição grande, nós temos a UFNIV no Espírito Santo. O que é muito interessante dessas unidades todas, especialmente o sulfato de amônio, é que o enxofre virá da RNEST. São as sinergias entre refinarias e plantas de fertilizantes.



Seguimos mostrando o monitoramento do conteúdo local que a Petrobras faz. O conteúdo local que a Petrobras faz confere à empresa competitividade. Estoca-se menos quando é deixado o estoque na fábrica daquele que é o seu fornecedor de bens e serviços. Se ele está aqui no Brasil, não precisa ficar com grandes estoques. Quando ele está na China, quando ele está na Noruega, você precisa de estoques significativos.

Conteúdo local, de 2004 para 2011, seis pontos percentuais na área de exploração e produção. Cresceu o conteúdo local. Na área do abastecimento, dez pontos percentuais e na área do gás e energia, vinte pontos percentuais. Esse é o crescimento do conteúdo local nesse momento.

Esse eslaide é o último que eu tenho a apresentar aos senhores. Não tenham dúvida de que, quando essas empresas todas fornecedoras bens e serviços, empresas de offshore, vêm ao Brasil – NKT-Flexibles, Technip, Wellstream, Prysmian, todas essas empresas, mais de quarenta, construíram seus *sites* –, isso é sinal de que elas fazem resultado econômico-financeiro adequado. Além disso, muitas delas estão construindo no Brasil os seus centros de pesquisa junto dos centros de pesquisa da Petrobras no Rio de Janeiro. Então, as empresas estão vindo ao Brasil.

A nossa carteira de projetos é excepcional. Nós tivemos 45% de crescimento da produção de petróleo de 2002 para 2011. Para os próximos anos, de 2011 para 2020, a Petrobras é a empresa com maior portfólio de projetos, que terá o maior crescimento do mundo. As outras podem crescer, deverão crescer, mas não é possível que elas cresçam na mesma proporção que a Petrobras, porque elas não têm as reservas já descobertas pela companhia.

Então, aqui nós temos as empresas vindo ao Brasil. Várias já estão no Brasil, aliás, todas essas. E os seus centros de pesquisa, a grande maioria já está sendo construída ou operando no Brasil.

Muito obrigada pela atenção dos senhores. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Dr^a Graça, competente Presidenta da Petrobras, nossa grande amiga com quem tive a honra de trabalhar. Sei que a companhia tem uma Presidenta que, sem dúvida nenhuma, conduzirá a Petrobras com sucesso, com êxito, com espírito público e, acima de tudo, que respeita uma das instituições mais importantes do nosso País, como fez também o nosso querido Presidente Dutra, nosso companheiro do Senado Federal.

Eu quero só registrar aqui a presença do nosso querido Deputado Federal do PT de São Paulo, Vanderlei Siraque, e cumprimentar o Deputado Edson Santos, do PT do Rio de Janeiro – muito bem-vindos aqui à Comissão de Assuntos Econômicos! – e a nossa querida Senadora Lúcia Vânia, Presidente da Comissão de Serviços de Infraestrutura, que tem uma agenda também complicada. Mas esta é uma audiência pública conjunta da Comissão de Assuntos Econômicos e da Comissão de Infraestrutura.



Eu passo agora aos debates com o primeiro inscrito, autor de requerimento, o Senador cearense José Pimentel.

O SR. JOSÉ PIMENTEL (Bloco/PT – CE) – Sr. Presidente, Senador Delcídio Amaral, nossa Senadora Lúcia Vânia, aqui estamos realizando conjuntamente esta audiência.

Quero saudar a nossa Presidenta da Petrobras, a nossa Srª Graça Foster; saudar o José Eduardo Dutra, nosso companheiro, que foi nosso Senador, nosso Líder e agora voltou para a Petrobras.

Registro que a gestão da Petrobras ao longo dos últimos dez anos foi excelente, sem esquecer aqui também a gestão do José Sergio Gabrielli, que foi nosso Presidente.

O Congresso Nacional e a sociedade brasileira têm uma atenção toda especial para com a Petrobras, que, além de ser a maior empresa do nosso País, é também uma das instituições que promove pesquisa, faz investimento na infraestrutura brasileira e particularmente atende a uma demanda crescente que são os derivados de petróleo.

No entanto, nossa Presidenta, o que levou este conjunto de Parlamentares a convidar V. Exª para estar conosco – e a senhora prontamente atendeu – foi exatamente o prejuízo de R\$1,3 bilhão que a empresa teve no último trimestre.

Na época, logo que a matéria foi divulgada, setores especializados da imprensa trouxeram umas críticas que deixaram a todos nós preocupados. E o Congresso Nacional, em especial a Comissão de Infraestrutura e a CAE, acharam por bem convidá-la para que explicasse – como muito bem a senhora já expôs – as motivações desse resultado negativo no segundo trimestre, uma questão pontual por conta da oscilação do câmbio. Nós saímos de um câmbio de R\$1,65 para algo em torno de R\$2,00 e como a empresa é alavancada em operações baseadas no câmbio, no dólar, terminou tendo esse reflexo.

Acredito que, sobre esse item, que era um dos objetos de grande preocupação de todos nós, com a exposição que V. Exª fez, posteriormente na grande imprensa brasileira e particularmente com muita atenção e dedicação nesta Comissão, não paira nenhuma dúvida para nós.

Da mesma forma, a maneira como a empresa é administrada – a dedicação e o planejamento que tem para reduzir custos e ao mesmo tempo aumentar a produtividade e investir em tecnologia nacional – demonstra que voltará brevemente a ter resultados satisfatórios, com o planejamento de médio e longo prazo.

Portanto, para isso, quanto a nós, estamos plenamente satisfeitos e entendemos que o que a gente precisava receber como informação e esclarecimento V. Sª aqui promoveu.

No que diz respeito à área de refino, eu sei do esforço que a empresa vem fazendo, até para não ficar dependendo tanto de derivados



importados. E para nós, do Estado do Ceará, a Refinaria Premium II é um sonho que a gente acalanta há bastante tempo. Desde os anos 80, esse debate já vinha, com a ampliação da nossa unidade que ali opera em pequena escala. Nos anos 90, esse processo andou um pouco mais. Mas de 2008 para cá, a empresa tomou a decisão de instalá-la.

Eu lembro de todo o debate, no segundo semestre de 2008, sobre a importância da Premium I e da Premium II. E no caso concreto da Premium II, que fica em Pecém, na nossa Grande Fortaleza, eu pergunto a V. S^a: como está esse projeto? Até porque essa questão da regularização do terreno, que é a contrapartida do nosso Estado, nós ainda não concluímos. Então, como a senhora tem feito essas últimas tratativas? O fato é que temos muita pressa para que essa obra inicie.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Pimentel.

Pelo número de Senadores que estão aqui inscritos, queria propor aos Senadores e Senadoras que fizéssemos o questionamento em bloco. E aí a Presidenta Graça responderia a todos os Senadores e Senadoras se todos estiverem de acordo.

Então, vou passar a palavra, agora, para a Senadora Ana Amélia.

A SR^a ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Cara Presidente Graça Foster – Senador José Dutra –, eu queria cumprimentá-la pela exposição didática. Lamento apenas não ter acompanhado integralmente, porque tinha um compromisso com a Embaixada da China. Então, queria me ater às questões que a senhora mencionou.

Eu sou Senadora do Rio Grande do Sul e um estudo feito em parceria com o Ministério das Minas e Energia, Petrobras, o Grupo AES e o governo da Argentina indica a possibilidade da retomada de uma usina que está paralisada e que nós chamamos de elefante branco, porque a Argentina não forneceu gás natural para o funcionamento dessa unidade, que é muito importante do ponto de vista da nossa matriz energética.

Então, eu queria saber quais os planos da Petrobras nesse aspecto.

Também queria perguntar, como sou de um Estado onde há a maior produção de biodiesel, o Rio Grande do Sul, as maiores plantas estão lá – a senhora fez referência de que há uma previsão de crescimento 4,9% na produção de biodiesel –: essa produção é tendo em vista a ação da Petrobras, as plantas da Petrobras que ela tem controle ou participa? Ou é a produção nacional? E quais as perspectivas, na área do biodiesel, que V. Ex^a está vendo a partir de agora, tendo como parâmetro que o biodiesel produzido no Brasil hoje é partir da matéria-prima principal, que é a soja? E houve um aumento violento nos preços internacionais. Então, como isso vai se refletir sobre a produção do biodiesel?

Um outro tema que interessa muito ao meu Estado diz respeito aos fertilizantes. A senhora mencionou a questão dos adubos nitrogenados, aí no caso



da ureia e amônia, com as plantas do Nordeste. Qual é a projeção que faz a Petrobras para a nossa autossuficiência em matéria de fertilizantes, considerando os avanços que o Brasil vem tendo no aumento da produção agropecuária, especialmente na área de grãos, sendo hoje o segundo maior exportador no caso do complexo soja, que é o principal produto na nossa pauta de exportação?

Presidente, os acionistas da Petrobras não têm tido muitos motivos de alegria em função do que foi mencionado aqui até pelo próprio Senador José Pimentel, especialmente aqueles que usaram o Fundo de Garantia para ações da empresa. Então, queria saber o que a senhora diria a esses acionistas, se eles devem continuar acreditando, apostando, investindo e qual é a sua recomendação.

Há uma projeção também de uma contenção sobre reajuste dos preços dos combustíveis. Isso já está na meta da Petrobras em relação à mudança do câmbio e até o mercado interno. Qual será a posição sobre o preço dos combustíveis e sobre os reajustes nos próximos meses ou anos?

Por fim, Presidente, a senhora recentemente disse, em uma entrevista, que a Petrobras aprendeu algumas lições e que o novo plano de investimentos é mais realista do que os anteriores. Quais as lições que foram aprendidas referidas por V. Ex^a.

São as minhas questões e lhe agradeço muito a atenção.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senadora Ana Amélia.

Passo a palavra, agora – eu vou alternar, até para exercer o contraditório, que é o que normalmente fazemos aqui e que manda o Regimento, supondo que exista –, vou passar, agora, a palavra ao Senador Alvaro Dias. Com certeza deve ter alguma contradição.

O SR. ALVARO DIAS (Bloco/PSDB – PR) – Muito obrigado, Presidente.

Se não ocorrer a contradição, não haverá a democracia. Por isso, o Presidente, sabiamente, propõe o contraditório.

As minhas homenagens também à Senadora Lúcia Vânia, à Presidente Maria das Graças Foster, ao José Eduardo Dutra.

Recentemente eu reconheci uma mudança de postura assim que assumiu a presidência a Sr^a Foster. Eu creio que uma mudança imprescindível em razão do que vinha ocorrendo na gestão da Petrobras, que justificou, inclusive, a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito no Senado Federal, que não foi bem sucedida em razão do esforço monumental da maioria para impedir o aprofundamento das investigações.

Apesar disso, encaminhamos ao Ministério Público Federal e ao Procurador-Geral da República cerca de 16 representações, indicando as principais irregularidades detectadas na gestão anterior à de V. S^a. Entre essas irregularidades, o aparelhamento da máquina estatal, o aparelhamento partidário;



verificamos superfaturamento de obras, e eu citaria especialmente duas obras: a usina Abreu e Lima e a refinaria Getúlio Vargas, na cidade de Araucária, no Paraná. Supostamente, naquela obra, um superfaturamento de cerca de R\$700 milhões. Há um inquérito na Polícia Federal ainda inconcluso. Em relação à obra da refinaria Abreu e Lima, o custo inicial de três bilhões e um prazo de execução, que seria 2010. Hoje a previsão é de que esse valor pode chegar US\$20 bilhões, devido a aditivos de contrato e atrasos de equipamento, entre outros motivos.

Há, também, em relação a essa obra, a participação da Venezuela, o próprio Presidente Hugo Chávez disse que o seu país não estava contribuindo com recursos em razão do superfaturamento da obra.

Quando nós trabalhávamos investigações durante a CPI, verificamos que o superfaturamento poderia ser superior a US\$2 bilhões, com projeções, em razão de comparação que se estabelecia com obras do gênero em outras partes do mundo.

Nós indagamos a V. S^a as razões de não cumprimento do cronograma estabelecido inicialmente e da elevação dos custos dessa obra. Aliás, que nome nós podemos dar a esse custo? Qual é a razão? Como uma empresa como a Petrobras, que tem profissionais qualificados reconhecidamente, conceituados nacionalmente, com grande respeitabilidade, como é possível uma empresa cometer um erro de planejamento desse porte? Por isso a indagação. Que nome nós damos a esse custo?

Portanto, coloquei dois exemplos apenas de superfaturamento de obras: a refinaria Getúlio Vargas, a ampliação da refinaria – o Tribunal de Contas da União é que constata um superfaturamento de mais de 700 milhões, o que deu origem a um inquérito policial sobre o qual não temos informações –, e também essa da refinaria Abreu e Lima, colocando essa afirmação de Hugo Chávez, indagando se a Venezuela tem participado com recursos para a execução dessa obra.

Outra questão. No segundo trimestre de 2012, a estatal teve um prejuízo de R\$1,3 bilhões, ante um lucro de R\$10,9 bilhões no mesmo período do ano anterior. Foi o primeiro prejuízo da Petrobras em mais de 10 anos. Como a administração anterior influiu nesse resultado? É claro que há a justificativa de que houve variação cambial, mas, obviamente, a diferença entre um período e outro é descomunal. Daí a indagação se a gestão teve influência nesse resultado.

Há um questionamento feito recentemente pelo jornalista Carlos Alberto Sardenberg, publicado no jornal *O Globo*, fazendo referência ao fato de ser essa área no governo Lula adstrita às funções desenvolvidas pela atual Presidente Dilma, e V. S^a também compunha a diretoria da estatal. Ele indagou, no seu comentário, como é possível imaginar que tenha feito essa incrível autocrítica sem autorização de Dilma, fazendo referência à autocrítica que V. S^a fez, ao assumir a Presidência da Petrobras. E ele indaga: “[...] será que as duas só tomaram consciência dos problemas agora? Ou sabiam perfeitamente dos erros



então cometidos, mas tiveram que calar, diante da força e do autoritarismo [...]?”. Essa é uma indagação que o jornalista fez em seu comentário e que eu estou transmitindo a V. S^a.

São essas as principais indagações que faço e fico apenas nelas, em respeito aos colegas que, certamente, terão indagações a formular a V. S^a.

O SR. PRESIDENTE (Dalcídio do Amaral. Bloco/PT - MS) – Muito obrigado, Senador Alvaro Dias.

Com a palavra o Senador Casildo Maldaner.

O SR. CASILDO MALDANER (Bloco/PMDB – SC) – Sr. Presidente Dalcídio do Amaral, desta Comissão de Assuntos Econômicos, e Presidente Lúcia Vânia, da Comissão de Serviços de Infraestrutura, cara Presidente Maria das Graças Foster, da Petrobras, caro amigo e colega José Eduardo Dutra – muita alegria em revê-lo -, prezados colegas, são três perguntas, que serão breves.

Vou procurar desdobrar a primeira pergunta em duas questões: A e B. O Brasil é autossuficiente na extração de petróleo – nós já temos isso -, mas importa derivados conforme a própria Presidente expôs há pouco. Em 2011, importação de gasolina atingiu média de 43 mil barris de petróleo por dia, um aumento de 378% em relação a 2010. Neste ano, a importação de gasolina deve fechar em torno de 70 ou 80 mil barris por dia.

Eu vou distribuir a outra questão em duas, letras A e B.

Letra A. Entre as cinco refinarias que serão inauguradas nos próximos anos, fica evidente a preferência dada à produção de diesel. É possível uma correção de rota, aumentando a capacidade de refino da gasolina? É possível isso? Não se torna mais barato e prático a construção de novas refinarias, considerando ainda mais as demandas futuras, com as extrações do pré-sal?

Letra B. Ainda com relação ao tema, como a Petrobras vê a possibilidade, Presidente Maria das Graças Foster, de construção de refinarias em regime de concessão ou parceria com a iniciativa privada, permitindo uma elevação mais rápida da capacidade de refino, levando em consideração a estratégia que inclusive o próprio Governo como um todo vem adotando ultimamente na questão de infraestrutura, ferrovias, logísticas e assim por diante?

Coloco isso com muita sinceridade.

Questão 2: como estão as pesquisas de desenvolvimento de novos combustíveis, especialmente os biocombustíveis, na companhia, embora já tenha tratado disso na exposição? Podemos prever uma data para novas fontes se tornarem economicamente viáveis? Então, essa é uma dúvida que o Brasil e que nós vimos nos questionando.

Questão 3 e última: considerando que o aumento da quantidade de etanol adicionado à gasolina pode elevar ainda mais o preço de ambos os combustíveis e tendo em vista a instabilidade da produção de álcool, é possível



aumentar isso ou não? É um questionamento também. Muita gente fica nessa dúvida.

Em resumo, seriam essas três questões. A primeira é em relação ao refino da gasolina e à possibilidade de distribuir isso, de terceirizar isso, de chamar a iniciativa privada para participar; temos boas logísticas e o pré-sal está vindo aí. As outras duas são questões do biocombustível e as questões de futuro.

São essas colocações que faria à ilustre Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Casildo Maldaner.

Passo a palavra agora para o Senador Cyro Miranda.

O SR. CYRO MIRANDA (Bloco/PSDB – GO) – Obrigado, Sr. Presidente Delcídio do Amaral; Presidente da Comissão de Infraestrutura, Senadora do meu Estado, Lúcia Vânia. Cumprimento a Presidente da Petrobras e o Sr. Diretor.

Quero, em primeiro lugar, parabenizar o trabalho da Presidente frente à Petrobrás, dando uma transparência ainda maior. Nós vimos, como já foi dito aqui, que há uma grande tendência de mudança de rumos, transformando a empresa de um lado muito mais profissional e deixando o lado político. Várias tomadas atitudes foram tomadas nesse sentido.

Mas estou hoje querendo saber um pouquinho, Presidente, sobre etanol. O nosso Estado, hoje, é o terceiro produtor de etanol. Sabe-se que a Petrobrás optou por investir em refinarias de diesel em detrimento de refinarias para gasolina. Diante da atual falta de competitividade do etanol no mercado nacional, haja vista os altos preços do combustível derivado da cana, o consumo de gasolina não cessa de aumentar. Para que se tenha ideia desse crescimento, de janeiro de 2010 até os dias atuais, esse consumo cresceu mais de dez vezes, sendo que, só de 2011 para 2012, o consumo dobrou. Em razão de tais fatos, indago a V. S^a: qual a política que se pretende instituir para fazer face a esse aumento exponencial no consumo da gasolina? Até quando continuaremos a comprar gasolina cara no exterior e a vender barato no Brasil? Não se pode deixar de considerar que essa política governamental configura inegável *dumping* face ao etanol, além do que, atendendo a um apelo do sócio majoritário da empresa, o Governo, prejudicam-se os sócios minoritários, que arcam com preços mais altos pagos externamente pelo produto posteriormente vendido no mercado interno a preços baixos. É aquele velho provérbio: fazer cortesia com o chapéu alheio.

Por fim, gostaríamos de ouvir de V. S^a quais são os planos da Petrobrás no que concerne a investimento na produção de etanol.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Obrigado, Senador Cyro Miranda.

Com a palavra agora o Senador Lindbergh Farias.



O SR. LINDBERGH FARIAS (Bloco/PT – RJ) – Eu queria cumprimentar o Senador Delcídio do Amaral, a Senadora Lúcia Vânia, parabenizar a exposição da Presidente Maria das Graças Foster, saudar o nosso Senador, Diretor da Petrobrás José Eduardo Dutra.

Eu queria começar falando de uma entrevista do Presidente da Petrobrás, Gabrielli, de uma entrevista ao Nassif, em que ele falava do começo da gestão do Presidente José Eduardo Dutra e do papel inicial daquela nova gestão que assumia em integrar o sistema Petrobrás, e utilizava um termo: a Petrobrás foi segmentada, do ponto de vista corporativo, em partes estanques, que não se comunicavam. Chegaram a falar em privatizar algumas partes dela.

Eu queria voltar ao início da gestão do Presidente José Eduardo Dutra, desse esforço de integração do sistema Petrobrás. Queria falar também da gestão, de concurso público – dez anos sem concurso público –, do papel daquele concurso público hoje na Petrobrás na entrada de um novo perfil de jovens engenheiros, quando a história da Petrobrás passou a ter sequência entre os seus funcionários mais capacitados, experientes, que passam um pouco desse conhecimento para essa nova geração.

Queria falar do saldo dos investimentos. V. S^a aqui apresentou números em reais. Eu peguei no *site* da Petrobrás os números em dólares. De 2002 a 2011, houve um salto de investimentos de US\$6,4 bi para US\$43,2 bi; em dólares, o salto é de 570%. Fica parecendo que tudo é um acaso – achamos o pré-sal. E eu queria perguntar à senhora, que acompanhou todo esse processo, em diversas funções no Ministério, mas sempre ali muito perto, em que momento houve essa virada no aumento dos investimentos em produção e exploração? Acho que é importante, neste momento, a gente retomar um pouco essa história.

Esse depoimento, hoje, aqui, está sendo muito importante porque por semanas, aqui nesta Casa, o que se escutava eram teses as mais diversas possíveis sobre esse prejuízo neste semestre. Está aqui, o fato está explícito na sua apresentação. Só pelo fato de ter havido a depreciação cambial, de o dólar ter saído de R\$1,82, em 31 de março, para R\$2,02, em 30 de junho, isso teve um impacto de 6,9 bilhões.

Mas eu queria entrar num tema delicado, do qual muita gente tenta fugir, que é a questão do preço dos derivados e do preço da gasolina. Aqui há um debate central para ser feito com os Senadores do PSDB, os Senadores que defendem uma visão mais liberal desse processo.

A Petrobras é uma empresa pública. O desafio da Petrobras é equilibrar os interesses dos acionistas mais o interesse do Governo e da maioria do povo também. E nisso temos concepções distintas.

O que aconteceu na crise de 2008? Qual foi a posição correta da Petrobras? Incrementar investimentos, ter um papel, uma ação contracíclica naquele momento. Outras empresas, Sr. Presidente, agiram só com a lógica do lucro privado, como a Vale do Rio Doce, que demitiu. A Petrobras não pode fazer



isso, é uma empresa pública também, o maior acionista é o Governo. Então, naquele momento da crise 2008/2009, a Petrobras agiu de forma apropriada. Alguns querem que a Petrobras seja administrada hoje como se fosse uma empresa privada.

Parabenizo V. S^a por, inclusive, no primeiro ponto da exposição, falar de índices como geração de emprego, redução de miséria, porque é isto: uma Presidenta da Petrobras tem que conciliar, na verdade, todos esses interesses, tem de olhar para a maioria do povo.

Vou defender uma coisa aqui – o que talvez a Presidenta da Petrobras não faça e ela tem o dever de zelar pelos acionistas. No ano passado, quem viveu nesta Comissão de Assuntos Econômicos sabe o clima de tensão no País com a pressão inflacionária, Senador Armando Monteiro. Nós acabamos no teto da inflação, 6,50 cravados. O que queriam alguns? Que houvesse um aumento de preço naquelas circunstâncias? Ao aumentar o preço, a inflação subiria e ter-se-ia que aumentar a taxa de juros, Senador Armando Monteiro. Era um quadro muito delicado na economia.

O Banco Central, a partir de 31 de agosto, começou a baixar a taxa de juros, e a gente sabe que isso teve impacto na empresa. Acho que se está construindo um cenário agora de reversão dessa política. Não sei quando, mas todos nós sabemos que haverá uma reversão dessa política.

Agora quero chamar a atenção aqui. Vários Senadores falaram, fizeram discurso aqui dizendo que, naquele quadro do ano passado, não existia nenhuma alternativa. Com o aumento de gasolina e dos derivados naquele período, o impacto na inflação era terrível, inflação que já estava no seu teto, e nós iríamos comprometer a política de redução de taxa de juros, tudo isso.

Então, a gente sabe o porquê desse período de dificuldades por que a Petrobras está passando. Eu queria registrar tudo isso.

Aqui no debate vieram visões do Senado e da Câmara dos Deputados. Eu sei disso, porque minha assessoria recolheu vários pronunciamentos sobre o tema para eu me preparar para esta audiência. É que muita gente não fala a verdade. Na verdade, questionam por que, no Brasil, estamos fazendo uma refinaria no Nordeste, por que estamos fazendo em Pernambuco, por que estamos fazendo no Ceará e por que estamos fazendo no Maranhão se o maior centro consumidor é no Sudeste. Sabem por quê? Porque a Petrobras é uma empresa pública e desenvolvimento regional tem que fazer parte deste debate também; é tudo isso.

Presidente, carioca, Maria das Graças Silva Foster, nós conhecemos seu trabalho, a capacidade de gestão de V. S^a. Sabemos que a Petrobras apresentou esse resultado nesse trimestre, mas temos perfeita confiança de que a companhia, a partir deste momento, com os novos investimentos, vai retomar esse ciclo.



Ficam tentando criar divisão aqui e fiz questão de remontar ao início da gestão do Presidente José Eduardo Dutra, porque temos orgulho dessa Petrobras e temos orgulho desse modelo de desenvolvimento com inclusão social que estamos criando no País! Por isso alguns falam: “Conteúdo local? Ah não, isso está atrasando.” Aqui... E eu pegava...

Concluo minha fala citando um professor especialista em petróleo da Coppe, Alexandre Szklo, que diz o seguinte: “Isto aqui não é corrida de 100 metros rasos, é uma maratona. O importante é saber como o pré-sal vai gerar o máximo valor para a sociedade em um tempo longo.”

Isso é fundamental. Nós não queremos aqui doença holandesa. Nós temos que desenvolver a nossa indústria. Se tiver que demorar mais um pouco, que demore mais um pouco, mas temos que desenvolver a nossa indústria e investir em ciência e tecnologia.

Encerro dessa forma, saudando e parabenizando pela exposição de V. S^a.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Lindbergh Farias.

Com a palavra agora o Senador Armando Monteiro, depois o Senador Suplicy.

O SR. ARMANDO MONTEIRO (Bloco/PTB – PE) – Eu queria cumprimentar a Presidente Graça Foster, os Presidentes das duas Comissões que realizam esta audiência: a Senadora Lúcia Vânia, da Comissão de Infraestrutura, e o Senador Delcídio do Amaral, e também o nosso sempre Senador José Eduardo Dutra.

Presidente, assisti aos questionamentos feitos pelos companheiros e a essa última manifestação candente do nosso companheiro Lindbergh, com quem normalmente partilho visões e opiniões, mas há um dado que é de realidade. Admiro muito o seu estilo franco, direto, que é muito importante, a meu ver, para este momento da empresa.

O desafio que me parece fundamental é a garantia do plano de investimentos da Petrobras. Essa é a questão substantiva. Para se ter uma ideia da importância desse programa, meu caro Senador Delcídio do Amaral, lembro que ele equivale a algo em torno de 13% da formação bruta de capital do Brasil. Como se daria essa conta?

O Brasil investe algo entre 18% e 19% do PIB. Só o programa da Petrobras, que representa cerca de US\$50 bilhões/ano, significa de 12% a 13% da taxa de investimentos do País. Portanto, a realização desse programa de investimentos é fundamental para o próprio equilíbrio macroeconômico do País, para a sustentação da taxa de investimento.

É evidente que as fontes de financiamento desse programa têm um componente fundamental, que é a geração de caixa da própria companhia, a autogeração de recursos, sobretudo considerando que nós vivemos num mundo



conturbado, onde as fontes de financiamento externas são também, de alguma maneira, voláteis. E é bom lembrar que, no modelo de partilha que a sociedade brasileira veio a consagrar, a Petrobras terá sempre um papel muito importante como agente principal, ou não, na realização do investimento.

Então a minha pergunta é a seguinte. O resultado do trimestre em grande medida reflete a desvalorização cambial e é meramente um efeito contrário. Eu gostaria de ter visto aqui nos quadros o resultado da geração de caixa no período, ou seja, como se comportou o Ebitda, porque aí nós não temos problema de efeito contábil; é geração de caixa. A Presidente lembrou que é fundamental manter a Petrobras como investimento *grade*, como grau de investimento, para que ela possa cumprir esse papel ao longo do tempo. Então eu perguntaria à Presidente: como está, no final do segundo trimestre, essa relação entre dívida líquida e geração de caixa ou Ebitda no período? Eu gostaria de ter essa informação.

E a segunda questão é para saber como essa fonte, que é de autogeração, da geração de caixa, será afetada por variáveis importantes, os preços, obviamente.

Então que palavra a Presidente nos traz sobre a garantia de que a Petrobras terá efetivamente condições de sustentar essa taxa de investimento?

Para concluir, quero dar um testemunho da importância do Prominp, Presidente Graça, esse programa que a Petrobras realiza não agora, nos últimos anos, mas há muito tempo para capacitar e qualificar um programa de fornecedores no País.

Eu queria que a Presidente nos trouxesse também uma breve avaliação dos resultados do Prominp nesse período.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Armando Monteiro.

Senador Eduardo Suplicy.

O SR. EDUARDO SUP LICY (Bloco/PT– SP) – Sr. Presidente, Senador Delcídio Amaral, prezada Senadora Lúcia Vânia, querido companheiro no Senado, meu Líder, José Eduardo Dutra, diretor de empresa do conjunto da Petrobras, prezada Presidente Maria das Graças Silva Foster, quero cumprimentá-la pela maneira como vem conduzindo a Presidência da Petrobras, essa tão importante empresa brasileira.

Diante das dificuldades por que tem passado a Petrobras, gostaria de aproveitar esta oportunidade para lhe indagar sobre os objetivos maiores que o próprio Presidente Lula e a Presidenta Dilma Rousseff colocaram quando foram descobertas as primeiras reservas de grande porte no fundo do Oceano Atlântico, na camada pré-sal. O Presidente Lula, então, mencionou mais de uma vez ao povo brasileiro que “parece que Deus é brasileiro, veio morar no Brasil, ensinou a Petrobras a encontrar no fundo do Oceano Atlântico, na camada pré-sal,



extraordinária reserva petrolífera”, o que vai nos permitir, em breve, estar erradicando a pobreza absoluta, prover boas oportunidades de educação para todos os brasileiros e brasileiras, desenvolver o progresso científico-cultural, cuidar melhor do meio ambiente e ter melhor assistência do ponto de vista do sistema público de saúde. E todos nós nos animamos bastante, e eu, em especial, que tenho acompanhado um exemplo que me parece tão significativo para o mundo e que vem, mais e mais, sendo objeto de atenção.

Ainda neste ano de 2012 saíram livros a respeito de como uma experiência pioneira no Estado do Alasca pode servir de exemplo para todo o mundo. Permita que eu possa sintetizá-la, porque gostaria de lhe pedir um paralelo sobre se nós brasileiros poderemos ter, um dia, uma expectativa semelhante.

No início dos anos 60, o prefeito de pequena vila de pescadores, Bristol Bay, observou que de lá saía uma grande riqueza na forma da pesca. Boa parte da população era pobre. Disse o prefeito aos seus concidadãos: “Vamos criar um imposto de 3% sobre o valor da pesca para instituir um fundo que a todos pertencerá”. “Mais um imposto; sou contra” – muitos disseram. Demorou cinco anos para ele persuadir a comunidade. Eis que, uma vez instituído, deu tão certo que, dez anos depois, esse prefeito Jay Hammond, se tornou governador do Estado do Alasca. Não sei se V. S^a teve oportunidade de conhecê-lo. Eu tive e conversei com ele sobre isso. Então, ele me contou essa história.

Acontece que, eleito governador, tal como no Brasil, recentemente – vou aguardar o Senador Casildo Maldaner, por favor –, naquela época, no final dos anos 60, o Alasca descobriu ao norte, na Baía de Prudhoe, enorme reserva petrolífera. Então, disse o Governador aos seus 300 mil concidadãos, habitantes do Alasca então: “Nós precisamos pensar não apenas na geração presente, mas também na futura, porque o petróleo, como outros produtos naturais, não é renovável. Vamos separar, pelo menos, 25 % dos *royalties* para instituir um fundo que a todos pertencerá”.

Quis que a proposta fosse debatida e votada por todos: 76 mil disseram “sim”, 38 mil “não”. Venceu a proposta. Então, aqueles recursos, 25% dos *royalties*, passaram a ser investidos em títulos de renda fixa (U.S. Bonds), ações de empresas do Alasca, contribuindo para diversificar a sua economia, dos Estados Unidos e internacional. A senhora poderá verificar essas ações no *site* do Fundo Permanente do Alasca, Alaska Permanent Fund, inclusive as da Petrobras, da Vale do Rio Doce, do Itaú, do Bradesco, das 30 empresas mais rentáveis do Brasil, o que significa que nós colaboramos para que isto ocorra lá: empreendimentos imobiliários. E o fundo passou de US\$1 bilhão, no início dos anos 80, para US\$41,5 bilhões hoje.

Cada pessoa residente no Alasca, desde que há um ano ou mais, preencheu, entre 1º de janeiro e 31 de março, um *application form* de uma página apenas, informando: sou Maria das Graças Foster, resido nesse endereço,



trabalho aqui na Presidência da Petrobras. Não era preciso declarar qual o seu rendimento, qual o seu patrimônio, porque será igual para todos. Declara que esteve lá residindo há um ano ou mais. Só precisa provar isso. Responde por suas crianças de até 18 anos e por elas recebe. E duas pessoas testemunham se a declaração é verdadeira.

Uma vez feito isso, na última semana de setembro ou primeira de outubro, por transferência eletrônica, se a senhora estivesse lá residindo, teria recebido a cada ano, desde o início dos anos 82 para frente, US\$300,00, US\$400,00, US\$500,00 e assim por diante. No ano 2008, quando o preço estava lá em cima, e era um ótimo resultado, foi pago US\$3.269 por pessoa. Numa família de pai, mãe e três crianças, US\$16 mil pelo direito de participar da riqueza do Estado.

Qual foi a consequência para Estado do Alasca? Tornou-se o mais igualitário dos 50 Estados norte-americanos.

O coeficiente de Gini do Brasil, que diminuiu de 0,59, no início de 2002, para 0,512 no início deste ano, melhorou bastante, mas ainda assim somos o 15º mais desigual do mundo pelo Banco Mundial. Não estamos entre os três mais desiguais, mas somos o 15º, ainda muito desigual.

Pois bem. O coeficiente de Gini dos Estados Unidos, no ano passado, foi 0,47. No Distrito de Columbia, o mais desigual, onde fica Washington, D.C.: 0,533 – acima do brasileiro hoje. No Estado do Alasca, 0,40. Até mesmo para a ex-Governadora Sarah Palin, no último ano de seu governo do Tea Party, lá republicano, que pagou o maior dividendo até hoje, e para qualquer liderança no Alasca é considerado suicídio político sugerir uma modificação desse procedimento.

O Brasil teria condições de, por tudo aquilo que o próprio Lula colocou das reservas do pré-sal, em anos próximos, realizar uma atividade e, ao mesmo tempo, garantir que ela de fato beneficie todos os hoje 194 milhões de brasileiros. E eu gostaria muito de ajudar a Petrobras nesse propósito.

Agradeceria muito se a senhora pudesse nos informar se, efetivamente, na sua visão, por todo seu conhecimento – inclusive porque a Petrobras e a sua direção estudaram as diversas formas de fundo, como o da Noruega, possivelmente o do Alasca e outros –, como vê essa perspectiva que está sendo objeto do diálogo aqui no Congresso Nacional, para decidir o que vamos fazer dos benefícios decorrentes da riqueza extraordinária proveniente do petróleo, objeto de exploração da Petrobras.

Meus cumprimentos pelo seu desempenho à frente da Petrobras, por sua energia contagiante e pela forma como vem conduzindo a Petrobras, em harmonia tão especial com a querida Presidenta Dilma Rousseff.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) –
Encerradas as discussões.



11/09/2012

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (Bloco/PDT – DF) – Sr. Presidente, por favor. Ainda d margem para uma única pergunta?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) – Senador Cristovam.

O SR. CRISTOVAM BUARQUE (Bloco/PDT – DF) – Sr. Presidente, Sr^{as} e Srs. Senadores, meu caro José Eduardo Dutra, Sr^a Presidente, a Petrobras já com suas décadas foi, sobretudo no começo, quando criada por Getúlio Vargas, mais do que uma empresa de petróleo; foi um vetor do progresso da industrialização que então, no Brasil, estava em marcha.

Quando a gente analisa o que hoje acontece na Europa ou o que acontece mesmo no Brasil, temos um sentimento – muitos economistas o dizem, mas pode não ser fato – de que está havendo o esgotamento de um modelo econômico; está havendo o esgotamento de um modelo baseado mais no consumo do que na poupança, baseado numa certa irresponsabilidade fiscal, até mesmo quando a gente se considera com responsabilidade fiscal; está havendo um esgotamento das finanças públicas diante do quadro, do programa de bem-estar social, de transferência de renda. E a impressão é que terá de surgir em algum momento, e não deve demorar, algum novo modelo econômico na Europa e há que se espalhar pelo mundo.

A minha pergunta é se a Petrobras se recicla para esse novo modelo, inclusive como uma grande promotora de fontes alternativas de energia, ou se já se prepara para ceder lugar a outras empresas, outros vetores do progresso menos voltados a combustível fóssil, à produção ou a outras entidades e mais voltados à produção de energia de outras fontes, no caso, renováveis, que não sejam esgotáveis, como é o caso do petróleo.

E a outra pergunta é sobre as estratégias de longo prazo da Petrobras. Primeiro: existem essas estratégias ou elas são impossíveis diante das incertezas? É possível estratégia de longo prazo? Qual o espaço que a Petrobras trabalha no que se refere a fontes alternativas de energia, não apenas como complemento do combustível fóssil, mas como alternativa ao combustível fóssil?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Cristovam.

Com a palavra o Senador Wellington Dias.

O SR. WELLINGTON DIAS (Bloco/PT – PI) – Sr. Presidente, agradeço.

Primeiro quero saudar aqui a nossa Presidenta, Maria das Graças Foster, saudar também o José Eduardo Dutra e os dois Presidentes: Delcídio e Lúcia Vânia e dizer que é um prazer muito grande essa audiência.

Apenas para não ser repetitivo, quero ressaltar a importância de ter uma empresa que tenha o seu papel na relação com acionistas, mas também de empresa pública.



Destaco aqui exatamente a bicentralização dentro de uma estratégia nacional nos investimentos. Tínhamos investimentos no Brasil sempre, a Petrobras, muito concentrados em uma ou outra região. Eu acho que hoje passamos a ter investimentos em todo o Território Nacional por parte da Petrobras. Isso é possível?

Eu quero aqui já de pronto agradecer ao José Eduardo Dutra. Quando Presidente, estivemos tratando da necessidade, e ele ajudou muito lá, de voltarmos a ter na ANP trabalho com pesquisas, o que permitiu, por exemplo, grandes descobertas nessa área de gás onde está incluída a bacia do Parnaíba, nessa nova fronteira, que é um dos focos colocados pela Petrobras de gás e petróleo, no pré-sal e no pós-sal, tanto em mar quanto no território.

Nesse caso, outra pergunta eu faço. Aliás, quero aqui ressaltar o que o Senador Lindbergh disse aqui da importância de termos essas três bases: a de Pernambuco, com porto profundo; a do Ceará, com porto profundo; a do Maranhão, com porto de Itaqui, um dos um dos portos com capacidade de atracação de embarcações de maior calado que eu acho que deve haver no Brasil hoje.

Claro que outros Estados, como o Piauí, a Paraíba e o Rio Grande do Norte, assim como outras regiões, desejam também ter refinaria. Mas compreendemos que há, para este primeiro momento, uma sinalização da descentralização de investimentos para outras partes do Brasil, ajudando no desenvolvimento econômico. E aí é preciso ter cuidado para não haver uma desigualdade intrarregional. Chamo a atenção aqui, neste caso específico, para a região Nordeste.

Veja, faço uma pergunta em relação, pelo que a gente vê aqui, às perspectivas do mundo de maior consumo de biocombustíveis, mais do que de gasolina, mais do que de óleo, mais do que de outras áreas, perspectivas normalmente acima de 100% no Brasil e no mundo. Bom, isso sendo fato, nós tivemos um problema, e eu digo isso como quem foi pioneiro – o Piauí foi pioneiro na produção de biocombustível, com a mamona. E ali nós tivemos um erro estratégico ao deixar que o leilão de uma base de produção como a mamona em semiárido pudesse ter que concorrer, por exemplo, com a soja. Ali nós tivemos esse problema. O que eu queria era exatamente verificar isso, porque foi feito o reparo mais à frente, mas deu efeitos colaterais no período em que as medidas não foram tomadas. E algumas bases como a da Bahia e a do Piauí foram desativadas por conta do longo período até encontrar uma solução.

Então nós estivemos algumas vezes com a Petrobras, tratando da necessidade da retomada. Além do pinhão manso, nós temos condições de trabalhar com a cana-de-açúcar. Assim, da mesma forma que se faz em relação a essa descentralização das refinarias, também, onde tem potencial, o mesmo deve ser feito com outras bases. Nós temos lá condições com a cana-de-açúcar. Isso já



estudado, inclusive com a participação de órgãos nacionais, e eu queria aqui que pudesse ser pautado na Petrobras.

E a outra questão é exatamente como anda, nessas novas fronteiras, nessa área, o interesse da Petrobras em território para gás e petróleo na bacia do Parnaíba.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Wellington.

Não havendo mais nenhum Senador inscrito, eu vou passar a palavra para a Senadora Lúcia Vânia, Presidenta da Comissão de Infraestrutura do Senado Federal. Depois a Drª Graça vai responder a todas as perguntas feitas aqui pelos Senadores e Senadoras.

Minha querida Senadora Lúcia Vânia.

A SRª LÚCIA VÂNIA (Bloco/PSDB – GO) – Sr. Presidente, Presidenta Maria das Graças Foster, Senador Dutra, eu quero dizer, Presidenta, da nossa alegria em recebê-la na Comissão de Infraestrutura.

V. Sª já colocou muito bem os dois pontos que foram motivos do convite para esta audiência pública. O primeiro deles, a questão do investimento 2012-2016. Acho que o Senador Monteiro colocou, com muita propriedade, a importância desses investimentos para o País. E o segundo seria a questão do prejuízo de R\$1,3 bilhões. V. Sª também pôde explicar isso, de forma didática. Quero cumprimentá-la pela eficiência da exposição.

Por fim, eu gostaria de fazer uma pergunta relativa ao meu Estado. Já foi colocada aqui pelo Senador Cyro Miranda a questão do investimento no etanol. V. Sª também tratou, na sua planilha, desse assunto. Segundo ponto: existe um estudo para o gasoduto chegar até Goiás?

No mais, quero agradecer a V. Sª e ao Senador Dutra a presença e dizer que a Comissão de Infraestrutura se encontra à disposição. Também quero agradecer o nosso Presidente por esta reunião conjunta, o Senador Delcídio do Amaral.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Presidenta, Senadora Lúcia Vânia. Eu vou passar agora a palavra para a Drª Maria das Graças Foster. Se o Diretor Dutra também quiser usar a palavra, a presença de V. Exª é sempre muito bem vista e querida aqui na nossa Casa, que foi sua Casa também.

Eu passo a palavra à Drª Maria das Graças Foster. Mas gostaria, rapidamente, de fazer duas perguntas apenas. A primeira é quanto à questão do etanol. Eu vi que o Senador Cyro Miranda levantou essa questão, e no meu Estado, assim como em Goiás, temos muitas plantas em operação. Mas, hoje, rota EVTE de uma planta, não há VPL que suporte, em função do quadro atual de nossas usinas. Há algum projeto no sentido de revitalizar essas usinas e de, inclusive, criar as condições até para que a Petrobras tenha um protagonismo ainda maior nesse setor? Evidentemente, se o EVTE, se o Estudo de Viabilidade



Técnica e Econômica não ajuda, é difícil a Petrobrás atuar mais intensivamente, até com novas plantas nesse setor.

Pelo que entendi, os biocombustíveis terão um papel muito importante em função do perfil de novas refinarias. Portanto, esse é um tema essencial para a política de combustíveis no Brasil.

A outra pergunta é sobre o gás de xisto, Graça. O Brasil é rico também em xisto, e os Estados Unidos estão fazendo uma revolução em cima do gás de xisto.

São essas as duas perguntas que eu gostaria de fazer.

Passarei, agora, a palavra à Drª Graça para responder aos Srs. Senadores e às Srªs Senadoras. Antes, porém, Graça, a Senadora Ana Amélia foi chamada pelo Líder Eduardo Braga. Então, pediu que você pudesse deixar as respostas a ela para o final, porque retornará e gostaria muito de ouvi-las.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Obrigada por tantas perguntas muito boas, tecnicamente muito boas e que dão à Petrobras mais uma oportunidade de explicar a sua atuação, a sua gestão e o seu plano de negócio.

Responder a essas perguntas, para mim... Estou na Petrobrás há 33 anos e trabalhei em praticamente todas as áreas da companhia. Mas são importantes os dez anos passados, quando eu estive como Secretária de Petróleo e Gás no Ministério das Minas e Energia, muito próxima do então Presidente da companhia José Eduardo Dutra.

Fui Presidente da Petroquisa, Presidente da BR Distribuidora, Diretora de Gás e Energia. Estive muito perto do Presidente José Sérgio Gabrielli. Então, vivi muito a empresa. Sou parte da empresa, porque comecei como estagiária, e sou parte da empresa, porque vivi dia a dia os últimos quatro anos e meio em que fui Diretora de Gás e Energia. Então, sou parte, sou parte do feito.

Bom, começando pelo Ex^{mo} Sr. José Pimentel, que me fez alguns comentários sobre prejuízo, sobre os custos da Petrobrás, que já foram explicados. Eu não coloquei um programa importantíssimo que nós estamos lançando aqui até o final desse mês, que é o Programa de Redução de Custos Operacionais. Esse é um programa importante da companhia em que precisamos capturar margens, otimizar os nossos custos operacionais, para que não percamos margem na comercialização que fazemos, por custar mais do que o necessário.

A atividade de petróleo e gás é, por si, uma atividade de alto custo. A Petrobras trabalha com uma base de segurança muito grande. Fazemos um trabalho preventivo, temos *benchmark* internacional em relação à forma de operação, em relação aos nossos custos de extração e de refino. E nós sabemos que temos oportunidade de capturar margem para o resultado líquido da companhia.

É o complemento que faço ao Ex^{mo} Sr. Senador José Pimentel.



Com relação ao refino, as refinarias da Petrobras, as novas refinarias viraram um sonho para a Petrobras. O consumo de derivados tem sido extremamente grande. Quando olhamos para o ano de 2020, indica-se um crescimento percentual de 4,6 por ano. Então, trabalhamos intensamente por essas refinarias.

Nós temos o que chamamos de Reunião de Análise Crítica, também um processo antigo da companhia, em que participo todos os meses, com todos os gerentes de projeto.

A refinaria do Ceará também é para nós um sonho importante de se materializar, para diminuir a nossa exposição à importação.

Essas refinarias que foram pensadas no início para exportação hoje são refinarias para consumo interno na Petrobras e ainda ficará uma pequena diferença para que a gente possa fazer as movimentações de importação e exportação.

Semana passada, eu tive reunião com os nossos técnicos da Petrobras que trabalham, quase moram no Ceará. Está muito próximo de assinarmos o termo de compromisso, junto com o Governo do Estado, para recebermos esse terreno.

Há uma discussão em relação à participação na aquisição de outro terreno pela Petrobras e pelo Estado, mas, de tudo que já se passou, em mais de um ano e meio de dificuldades, porque o assunto é difícil, ele não é trivial – obter um terreno que esteja autorizado por todos os órgãos competentes que vão autorizar sua operação é realmente uma etapa de muitas atividades –, então, Sr. Senador, estamos muito próximos de poder começar a trabalhar com o terreno.

E aí vem a outra etapa que é a mudança de fase da refinaria. O estudo de viabilidade técnico-econômica tem que se mostrar positivo. Os projetos da Petrobras precisam dar uma sinal positivo de economicidade quando passam de uma fase à outra.

Quanto às perguntas da Senadora Ana Amélia, vamos esperar o retorno da Senadora.

Com relação ao que disse o Senador Alvaro Dias, gostaria de vê-lo, até para podermos falar de forma absolutamente clara das suas perguntas.

A nossa posição, Senador, é que nós não concordamos, de forma alguma, com a questão dos sobrepreços. Esse é um ponto de base, um ponto de forma. Sabemos, nós que trabalhamos na área de formação de preço – nessa área a nossa atuação é extremamente positiva, pois temos procurado construir com o TCU uma reciprocidade bastante grande, um canal de comunicação bastante grande –, que existem diferenças metodológicas com relação à formação de preço e aos *benchmarks* internacionais da indústria de petróleo e gás. Essa é uma diferença essencial. E eu tive a oportunidade de falar com o Ministro Presidente do TCU, Sr. Benjamin, que nós precisamos sentar para conversar a questão metodológica das planilhas de formação de preço, porque, senão, nós



vamos cair sempre no mesmo ponto de discussão. E o que nós queremos na Petrobras é ser bastante efetivos, bastante propositivos, porque sei da minha obrigação perante o TCU. Então, nós não concordamos com as diferenças de preço.

Nós tivemos, em várias fases – essa é uma refinaria em construção, então, já passou da fase um, dois, três; está na fase quatro –, um aumento de preços relevante, como já foi discutido, provavelmente nesta Casa, possivelmente na época do Presidente Gabrielli, não sei se ele ou o Diretor da Petrobras aqui esteve.

Nós temos um erro básico de começo desse projeto. Como eu disse, nós passamos mais de 30 anos sem fazer nenhuma refinaria, enquanto construímos muitas unidades estacionais de produção, furamos milhares de poços de petróleo, construímos térmicas, construímos 4.000 mil quilômetros de gasodutos. Nós não construímos refinarias. Começamos com um *software* Icarus inadequado e nós erramos, erramos no começo.

De lá para cá, nós tivemos uma variação cambial bastante grande que ocasionou um crescimento de mais de 4 bilhões no valor inicial previsto, juros de financiamentos que não foram considerados.

Nós tivemos custos, no período de 2007/2008, do grande crescimento econômico mundial, antes da crise, final de 2009. As margens de refino estavam muito altas. E houve, por isso, pela oportunidade, um custo muito grande no refino internacional. Então, tudo isso foi refletindo, refletindo, refletindo em preço. Existe uma planilha muito rica. Eu venho trabalhando muito essa planilha e os custos ali estão identificados.

O senhor faz a seguinte pergunta: como eu chamo esse sobrecusto, como o senhor colocou na sua fala – não sei se essa foi exatamente a palavra. Nós não reconhecemos o preço maior no faturamento. Agora, dissemos que a essência, o começo de tudo isso, foi lá no básico, lá atrás, lá no conceitual, onde cometemos uma série de erros pela nossa inexperiência na condução desse projeto à refinaria. Do mesmo jeito que nós construímos dez térmicas não construímos nenhuma refinaria. Então, essa é a grande questão.

Com relação à Venezuela, Senador. Esse projeto foi concebido para ser um projeto de dois trens e a Venezuela deve estar presente. No meu entendimento, tenho manifestado isso. Tenho feito, da forma adequada, apropriada, uma cobrança aos meus colegas da PDVSA para que participem desse projeto. São dois trens: um trem de refino dedicado à PDVSA, com óleo PDVSA; um trem dedicado ao refino da Petrobras. Então, eles precisam fazer parte desse projeto para que a gente abra custos de escuta. Eles precisam resolver as garantias bancárias porque esse projeto faz sentido sendo um projeto binacional, Brasil/Venezuela. Tenho dois trens: um trem para óleo mais leve e outro para óleo mais pesado. O dono do óleo pesado é a Venezuela, é a PDVSA. É muito importante que eles venham participar efetivamente desse projeto. A



Petrobras tem feito um esforço grande para que eles venham trabalhar conosco. Eles estão no final para resolver as garantias bancárias e as contragarantias que precisam apresentar aos bancos, ao banco chinês, ao banco brasileiro – BNDES. Torço, sinceramente, para que eles consigam superar seus desafios e para que venham participar do projeto conosco.

O SR. ALVARO DIAS (Bloco/PSDB – PR) – Existe um prazo para essa definição?

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Existiram vários prazos. O último prazo que eu autorizei e que negocieei junto ao Presidente da PDVSA, Rafael Ramírez, porque não queria trabalhar mais com prazo de 3 meses, 2 meses, foi um prazo que vai até novembro. Se chegar novembro, e eles não apresentarem as garantias vou discutir um novo prazo. Não quero que eles digam: não, não vou. Quero que eles digam: sim, eu vou. De quanto tempo você precisa? Eles precisam vir porque essa refinaria foi desenhada para a Petrobras, foi projetada pela Petrobras e pela PDVSA. Ela tem um custo por trabalhar com dois óleos. Ela tem trens paralelos. Faz sentido econômico. Só estou falando no econômico, não estou trabalhando a questão binacional, a questão política, porque isso faz muito bem o Ministério de Minas e Energia. Estou falando especificamente do ponto de vista econômico. A PDVSA precisa vir para ser sócia dessa refinaria efetivamente, porque essa refinaria foi projetada para dois petróleos. A gente projeta uma refinaria para um *mix* de petróleos de um petróleo único. Esse petróleo único é que vai otimizar todo o trem de refino. Então, é muito importante que a PDVSA venha.

Pois não, Senador.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO – Mas isso tem no projeto?

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Ele tem um custo adicional porque tratará de um petróleo pesado. Tratará não, ele está sendo construído para refinar um petróleo pesado. Então, vem a PDVSA trabalhar com a Petrobras.

Deixe-me ver aqui. O segundo trimestre foi como o senhor colocou, foi um prejuízo que nós tivemos de R\$1,3 bilhão, principalmente, motivado pelo câmbio. Setenta e quatro por cento da nossa dívida vinculada contratada em dólar. Essa contratação em dólar é mais adequada para a Petrobras. Na verdade, nessa contratação em dólar já tem um *hedge* natural no negócio petróleo, ele é todo “*hedgeado*” em dólar. A receita, bem ou mal, em curto prazo, é valorada, é valorizada em *brent* petróleo, em dólar por barril. Então, quando se fazem transações comerciais em dólar, ida ao mercado em dólar, está-se fazendo um negócio adequado. Houve essa mudança grande no câmbio. No fechamento do câmbio, no mês do fechamento do trimestre, ele estava US\$2,04. Isso dá uma diferença muito grande no resultado.

Na sequência, há Senador Casildo Maldaner.

Onde é que está o Senador?



ORADOR NÃO IDENTIFICADO – Teve de sair.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Teve de sair.

Respondo?

Bem, é sobre importação. Temos cinco refinarias. Se não é possível produzir... Elas são todas voltadas para diesel, todas as refinarias. Isso é importante. E a gente tem sido insistente nessa colocação. Todas elas são refinarias para conversão do óleo no máximo de diesel possível. Por exemplo, na refinaria, por exemplo, da PDVSA, a conversão é de 70% para diesel; o projeto inicial era de 60% e passou para 70% pela demanda que nós temos de diesel.

Pergunta se não é possível produzir gasolina nessas refinarias novas.

Nós não consideramos a possibilidade de mudança do escopo dessas novas refinarias, porque se a gente muda o escopo dessas refinarias, para que elas também façam uma conversão para gasolina, certamente, nós vamos ter mais um atraso na partida dessas refinarias. Então, o que nós estamos olhando são, nas refinarias atuais, em quais as refinarias nós podemos também ter uma produção de gasolina com um investimento menor. Então essa é a análise que nós temos feito.

Com relação a biocombustíveis, há novas pesquisas? Sim, muitas pesquisas. Nós criamos a Petrobras Biocombustível, uma empresa 100% Petrobras; o Centro de Pesquisas da Petrobras é o braço de pesquisa da Petrobras Biocombustíveis. Nós temos uma dívida muito grande, nós, Petrobras, junto ao segmento da mamona, porque nós começamos o programa do biodiesel trabalhando a mamona e percebemos que faltavam ainda mais investimentos em pesquisa para que nós pudéssemos produzir biodiesel de forma competitiva. Então nós temos uma lista de mais de dez projetos com as universidades brasileiras, na busca de otimização de custos dos processos, para que possamos produzir biodiesel de mamona de forma competitiva economicamente.

Com relação ao etanol. O etanol precisa voltar. A solução mais simples para a falta de gasolina não é construir ou ampliar a capacidade de produção de gasolina. Eu tenho absoluta certeza de que é mais fácil o etanol voltar à praça com vantagens em termos de volume. Então, para mim, eu entendo que o que precisa voltar é o etanol. Porque como tenho certeza de que o etanol vai voltar, a hora em que ele voltar, eu vou ficar com um volume adicional de gasolina e vou ter que exportar essa gasolina a algum custo em alguns momentos.

Então nós estamos estudando, sim, verificar a análise econômica para ampliar a capacidade de gasolina nas refinarias antigas, porém a grande motivação, o nosso grande cavalo de batalha, é a volta do etanol. Nós sabemos produzir etanol, é muito mais simples produzir etanol, o capex é muito menor, o Brasil tem a cara do etanol, o etanol tem a cara do Brasil. Eu entendo que não há nenhuma razão para que esse etanol não volte em um, dois, três anos. Não há por quê. Então, não há por que não voltar. Não há por que não voltar.



Eu acabei aqui também falando sobre uma pergunta semelhante que o Senador Cyro nos fez. Onde é que está o Senador? Está lá atrás o Senador Cyro Miranda, PSDB de Goiás. Eu digo, com relação ao etanol e ao consumo da gasolina cara, esta é a posição, Senador: a volta do etanol.

Planos para o etanol. Nós temos muitos planos para o etanol. A Petrobras é uma empresa de energia e a sua grande vocação são os hidrocarbonetos. Mas nós entendemos, e por isso criamos a Petrobras Biocombustível, que é muito importante que nós possamos ter no nosso portfólio de venda um combustível tão importante quanto o etanol. Etanol para nós, com a gasolina que nós produzimos, com a gasolina que nós podemos importar em alguns momentos, nós teremos, sim, uma vantagem competitiva bastante grande. Se tivéssemos uma participação maior de etanol, talvez as dificuldades atuais pela falta do etanol fossem menores. Então, plano objetivo: crescer em etanol.

Como disse o Senador, hoje, com os preços atuais de etanol, quando se roda e se faz o estudo de viabilidade técnico econômico, ele não passa, ele não dá resultado positivo. Então esse é um ponto.

A partir do momento em que haja uma melhor ou uma adequada convergência de preços no Brasil, o etanol também convergirá para preços adequados, e a solução se resolve, o etanol volta para a carteira nossa.

Nós sabemos fazer etanol. Quando eu falo “nós”, estou falando do País, que sabe fazer etanol muito bem. A Petrobras ainda não sabe fazer tão bem, mas ela tem se associado a grandes usineiros, e temos aprendido muitíssimo com esses usineiros. Por isso, acreditamos que esse etanol voltará.

Nosso ilustre Senador Lindbergh fez colocações extremamente importantes que vão à época do Presidente Gabrielli, recente – há sete meses o Presidente Gabrielli conduzia a empresa –, do Presidente Dutra. É um trabalho permanente. Nós somos uma empresa tão grande. Nossa empresa é grande, mas ela é mais do que isso, porque estamos construindo outra Petrobras: nós temos uma empresa de 2 milhões de barris de petróleo por dia, hoje, temos que trabalhar muito bem essa empresa; estamos construindo nesses próximos 4, 5 anos uma Petrobras de 4,6 milhões de barris de petróleo/dia. Estou falando só do Brasil. Então, a integração dessa empresa é muito importante. Temos hoje, controladas por nós, ou 100% Petrobras, 350 empresas ligadas a nós. Então, esse trabalho do José Eduardo, do Gabrielli, e meu trabalho é não deixar dispersar. Você não pode pensar em gás sem pensar que esse gás é associado ao petróleo, que você tem que produzir o petróleo. E quando nós tivemos um atraso de dois anos na curva, o grande desafio hoje da companhia é recuperar a produção de petróleo. Esse é o ponto, é fazer essa produção, porque é dali que vem o caixa e é dali, Senador, que eu uso menos o caixa da companhia. Não é isso? Quando eu tenho uma produção de petróleo maior, tenho automaticamente um caixa maior, que me permite fazer mais investimentos. Então, a integração é fantástica, é fundamental.



Sem a integração da companhia, não podemos conduzir a companhia com a segurança que nós precisamos garantir.

Você falou sobre a taxa de câmbio. Nós falamos aqui que quando o câmbio estava 1,82%, no fechamento estava 2,02%. Nós estamos muito expostos a essa dívida em dólar. Todo final de mês, no fechamento, ficamos todos torcendo para haver uma descida do câmbio. O câmbio, realmente, para a Petrobras, causou alguma dificuldade, mas como já disseram os dirigentes do nosso País, o Presidente Lula, às vezes o que é bom para um não é bom para outro.

A Petrobras passa por esse momento de grande investimento e essa não é certamente a prática da Petrobras para o resto da vida. Estamos investindo pesado, esse é um momento de investimento bastante significativo.

A reversão da política de preços da Petrobras também foi colocada pelo nosso Senador Lindbergh. Eu e a Petrobras, os diretores da Petrobras, temos plena consciência do efeito de aumento de preços na economia. Temos plena consciência e acompanhamos esse número semanalmente. Toda segunda-feira temos uma reunião da diretoria que acompanha, específica, extraordinária, para acompanhar esses indicadores econômicos e financeiros da companhia. O efeito é grande. Agora, uma companhia que investe tudo que a Petrobras investe tem que trabalhar pela convergência de preços. Não é a paridade de preços em tempo real, aumentou o petróleo, foi para US\$114, no outro dia ela bomba, você está lá em cima, porque isso promove muita especulação. Agora, nós, diretoria da Petrobras, a Maria das Graças, Presidente da Petrobras, trabalhamos pela convergência de preços; não pela paridade exata de preços, mas pela convergência. Por quê? Porque quem vai investir, quem está investindo US\$71 bilhões em refino não quer que esse mercado desapareça. O que a gente precisa é que os dois, três carros de uma mesma casa saiam para o mesmo lugar, dirigindo carros diferentes, consumindo combustível, que a gente tenha uma atividade agrícola forte consumindo diesel, porque nós somos praticamente o único fornecedor. Então, quando você tem essa sustentabilidade do crescimento econômico, você sabe que não pode passar a paridade de preços. Agora, nós trabalhamos pela convergência do preço. Não pode deixar o jacaré abrir muito a boca. Trabalhamos pela convergência.

Senador Armando Monteiro. Onde está o senador? Ele pergunta sobre a garantia do plano de investimento. O senhor tocou num ponto que eu acho

O senhor tocou num ponto que é o que mais me preocupa. Por quê? Sou engenheira e estou sempre nas obras. Mesmo como Presidente, vou menos às obras, mas vou. E quando você vê 40 mil pessoas trabalhando numa refinaria, como gente teve em Pernambuco; quando você vê 5 mil caras numa frente de obras construindo uma térmica; quando você soma tudo isso, você vê 60 mil empregos, porque esses empregos não são fictícios, são verdadeiros, existem, têm nome, telefone e endereço; você vê essa gente toda trabalhando, você sente



o peso da sua responsabilidade perante o controlador e os acionistas minoritários, certamente, mas perante a sociedade brasileira, perante as famílias.

Então, precisamos dar continuidade ao investimento cuidadoso que a diretoria da Petrobras fez ao longo dos anos. Que nós tenhamos um envolvimento muito próximo para que a gente possa prosperar na manutenção dos investimentos da companhia. Nós sabemos o efeito que as nossas obras causam na geração de emprego e renda no País.

Então, Senador, o senhor tem em mim uma solidária pessoa, profissional que concorda 100% com a sua fala, que é fundamental que nós possamos continuar o nosso investimento.

A manutenção do caixa é fundamental. Nós temos que fazer a otimização de custos para incorporar caixa, manter a otimização para que a gente possa ter bons valores em relação ao EBITDA, que o senhor colocou.

Eu não fiz a apresentação desses números porque não queria cansá-los com todos esses números de EBITDA e tudo mais, mas eu pedi para o Mário Jorge, que é o Gerente-Executivo da Área Desempenho, que me recuperasse esses números numa apresentação maior.

Então, nós fizemos, no primeiro semestre de 2011, um EBITDA, em números redondos, de R\$31 bilhões. E, no primeiro semestre de 2012, nós fizemos um EBITDA de R\$27 bilhões. Existe uma diferença de R\$4 bilhões. Houve uma perda no EBITDA porque a receita foi muito maior, houve um volume grande da Receita, mas, como as margens de comercialização foram menores, nós também temos mais custos de despesas operacionais nesse período e nós tivemos uma menor geração de EBITDA.

Também o senhor me fez a pergunta com relação a endividamento líquido pelo EBITDA. Nós estamos a 2,4 vezes desse endividamento pelo EBITDA e nós estivemos, no ano passado, com uma diferença de 1,97 do EBITDA.

Então, nós estamos investindo mais do que no ano passado. Nós tivemos uma excepcional geração de caixa nesse trimestre também, mas, como o dólar veio muito pesado, e poços secos também, com 2,2 bilhões, nós tivemos também uma produção de petróleo menor, uma exportação de petróleo menor, porque, quando se exporta petróleo, exporta-se no preço que está lá. Há uma perda na logística, mas o resultado é muito bom.

Mas foi um EBITDA espetacular, 27 bilhões de EBITDA não é fácil, não. É um excelente resultado.

Para o Senador Cristovam Buarque, que estava aqui.

Ali está o Sr. Senador.

Fonte de energia. O senhor disse: o biocombustível como alternativa e não como complemento.

A Petrobras criou Petrobras Biocombustível, tem uma carteira grande e investe com parcerias internacionais para que a gente tenha uma associação com grandes centros de tecnologia fora, no exterior, que fazem o



etanol de segunda geração, biodiesel de algas. Ou seja, estamos trabalhando junto com essas entidades internacionais e com as universidades brasileiras, porque nós enxergamos, sim, que o biocombustível será uma alternativa.

Porém, nós vivemos o mundo da tecnologia há muitos anos. Eu trabalhei 14 anos no Centro de Pesquisas da Petrobras, especificamente na área de perfuração, na área de produção em águas profundas, lá atrás, quando a gente ainda não tinha o pré-sal. E o que a gente não pode fazer hoje, o petróleo que você não consegue extrair hoje, ao se passarem três anos, a tecnologia, a ferramenta é aprimorada, e volta-se para aquela área e você produz mais do que produziu há dez anos.

Então, nós enxergamos o petróleo ainda com muitos e muitos, dezenas de anos ainda pela frente, mas, sem dúvida nenhuma, trabalhamos as alternativas, sim, e, por isso, criamos a Petrobras Biocombustível.

À Senadora Lúcia Vânia, que está ao meu lado e ao lado do Senador Delcídio, sobre o investimento no etanol. Nós queremos ser um dos maiores do etanol no Brasil. Hoje, nós somos a terceira posição. Praticamente 70% do investimento da Petrobras Biocombustível é para o etanol, tanto para o projeto *brownfield* quanto para o projeto *greenfield*, tanto aquisições e incorporações como a construção de novas unidades.

Hoje, está difícil ter um VPL, Valor Presente Líquido, positivo. Primeiro, quando a Petrobras chega, o preço de mercado vai lá em cima. Então, a venda, a aquisição toma valores astronômicos, e a Petrobras volta e não vai fazer aquisição quando o valor de mercado que não se justifica. Mas é plano da Petrobras, sim, crescer no etanol, não só pelo etanol como alternativa, que é uma solução de mais longo prazo, mas pelo etanol de hoje.

Produzimos etanol de hoje e nós temos a BR Distribuidora, que é a empresa de maior distribuição, de maior capilaridade no País, tem uma inteligência logística espetacular, eu tenho certeza de que o casamento da gasolina com o etanol e com a logística vai trazer margem para a Petrobras. Então, nós investimos, sim, no etanol e temos uma série de estudos voltados para Goiás. Uma série de estudos. Agora a gente está precisando de duas ações: primeiro, a recuperação do preço do etanol, e segundo, tirar da cabeça que a Petrobras vai pagar qualquer valor para a aquisição, porque não vai pagar. Isso só vai postergar a nossa decisão de crescer no etanol.

Com relação ao VPL, Senador Delcídio, eu já antecipei, a revitalização das usinas também passa por essa precificação. Pergunta se nós consideramos os biocombustíveis importantes. Eles são muito importantes. A gente olha para uma Petrobras lá na frente e sabemos que esse casamento é extremamente relevante.

O gás de xisto. Nós temos investimentos *onshore* no Brasil. No Piauí e no Maranhão, nós estaremos, no próximo ano; se não me engano, são dois poços já aprovados e há mais um possível de ser perfurado desses poços que nós



temos *onshore* na bacia que cobre Maranhão e Piauí. Os seus Estados têm-se mostrado interessantes em nível de estudo, em nível de possibilidade, mas a gente precisa avançar um pouco mais.

O gás de xisto, nos Estados Unidos, tem uma característica bastante preocupante para nós aqui, no Brasil. E aí eu estou saindo um pouco de dentro da Petrobras, olhando para fora e vendo que há um preço de gás extremamente baixo nos Estados Unidos, que não se justifica, porque essas técnicas de produção de gás do *shale gas*, do gás de xisto, não convencionais, o custo é bastante alto para a produção desse gás, porém o preço é reduzido quase ao preço de custo e compensado pelos líquidos do gás natural, o gás rico, que são matéria petroquímica extremamente importante. Então, há o etano, passa para eteno, faz-se o polietileno, e esses custos mais baixos podem deslocar a petroquímica para aquela região. Existem várias plantas de metanol, de petroquímicos, em geral fechadas, com esse preço de gás menor, muito menor, favorecido pelo etanol, garantindo margens para os investidores.

Então, preocupa-me a petroquímica, o deslocamento da petroquímica, porque não tem subsídio que possa competir com esse gás tão mais barato. Preocupa-me a petroquímica do Brasil de forma geral, independentemente de quem esteja investindo na petroquímica.

Agora, na bacia do São Francisco, por exemplo, a Petrobras já perfurou alguns poços, e outras empresas também já perfuraram. Nós temos, em Goiás e também em Parintins, nós temos também algumas atividades exploratórias que têm dado sinal interessante. Mas em todos os casos que eu citei aqui – Maranhão, Piauí, Parintins... Parintins o nome, não é isso?

ORADOR NÃO IDENTIFICADO – Parecis.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Parecis. Parecis. Parecis. Nós temos que ainda fazer novos poços para confirmar acumulações e depois fazer novos poços para confirmar acumulações e depois fazer qualquer manifestação perante o mercado.

Quem eu não respondi? À Senadora Ana Amélia. Já respondi.

O SR. SÉRGIO SOUZA (Bloco/PMDB – PR) – Srª Foster, Sérgio Souza, do Paraná.

No Paraná, temos uma jazida muito grande de xisto. Há algum estudo para o Paraná, porque é uma região, parece-me, que tem uma das maiores jazidas do Brasil e é pouco explorada pela Petrobras?

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Nós temos uma atividade xisto já no Paraná. Existe uma prioridade, existem os compromissos exploratórios junto com a Agência Nacional. Tudo que é menos prioritário hoje, à medida em que se vão acumulando dados, vai se tornando prioritário. Ninguém busca perfuração a 300 quilômetros da costa porque é uma empresa de alma *offshore*. Não é isso. À medida que se vão acumulando informações, a vocação, a orientação vai passando para gás, por exemplo, nas bacias *onshore*.



Nós temos uma série de trabalhos iniciais em todas essas bacias sedimentares *onshore*, avaliando e olhando a prospecção para gás. Mas nada de que a gente possa declarar comercialidade neste ano ou no próximo ano. É um levantamento permanente de informações, cumprindo os programas exploratórios mínimos que temos junto à Agência Nacional de Petróleo.

Mas é isso, vai-se acumulando dados, e o que era menos prioritário começa a ganhar prioridade, porque a gente tem que pagar as contas. Então, vai acumulando, fazendo receita e vai partindo para outros bons negócios.

À Senadora Ana Amélia. Existe, sim, Senadora, uma discussão do Ministério de Minas e Energia, em que, quando solicitada, a Petrobras participa, de tal forma que não participamos de todo o tempo; nós participamos em alguns momentos em que somos chamados pelo Ministério de Minas e Energia para avaliar a possibilidade de *swap* de gás, *swap* de energia, entre os dois países, Argentina, Uruguai, e os países na América Latina de forma geral. Mas, mais especificamente com relação à usina de Uruguaiana, temos sido perguntados sobre a capacidade, a possibilidade de trocar gás e de trocar a geração de energia em momentos distintos do ano, para que a gente possa analisar essa térmica. Não é isso, Alcides?

(Intervenção fora do microfone.)

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Então, a gente faz uma entrega de gás GNL, a gente traz o GNL, entrega na Argentina, faz o *swap* de gás, através de Sulgás, e faz a geração em Uruguaiana. Então, é possível, sim, e está tudo isso sendo visto do ponto de vista econômico.

Por exemplo, a Petrobras hoje tem no Mato Grosso uma térmica – a UTE de Cuiabá –, que não é nossa térmica; nós temos uma autorização para entregar gás naquele gasoduto e alugamos essa térmica. Então, existem situações em que nem a térmica é nossa nem o gasoduto, não temos contrato, mas há uma permissão para que a gente faça essa movimentação de energia e gás dentro do País e com seus vizinhos parceiros, países parceiros.

Bom, o biodiesel vai crescer. Hoje, considerando só o B5, ele acompanhando o crescimento do *diesel*, há um crescimento previsto de 4,5% ou 4,69% de biodiesel nesses próximos anos, até 2020, puxado pelo crescimento do *diesel*. Então, é uma necessidade.

Como eu disse, a gente tem projetos de tecnologia que vão alavancar a economicidade de outras oleaginosas, como o pinhão manso e a mamona, que é algo que está muito próximo de a gente conseguir resultados satisfatórios.

Por que a gente tem aquela capacidade tanto de mamona como de biodiesel, tanto no Brasil quanto no exterior? A volatilidade da soja é muito grande e isso dificulta, certamente, a entrada de um volume adicional de biodiesel, mas a mamona tem uma volatilidade maior ainda. Então, tudo isso dificulta, eu imagino, o



Governo brasileiro tomar a decisão de ampliar a participação de oleaginosas no *mix* de biodiesel.

A senhora perguntou sobre a autossuficiência de fertilizantes. Olha, eu não sei qual é a proposição, qual é o plano do Brasil, mas o da Petrobras não é buscar autossuficiência do Brasil em fertilizantes, porque nós não temos volume de gás suficiente. Por que veio a produção de fertilizantes para a Petrobras? Porque as térmicas hoje estão com 5,5 mil megawatts despachados, mas há quatro semanas elas estiveram gerando mil megawatts, há oito semanas estivemos gerando quase 6 mil megawatts. Há um indicativo de que a gente vá gerar 7 mil. Então, o Operador Nacional do Sistema Elétrico liga e desliga a Petrobras, é assim que funciona o modelo hidrotérmico. Então, essas plantas de fertilizantes que a senhora viu em Mato Grosso do Sul, em Três Lagoas, a planta de amônia em Uberaba e outros projetos que nós temos vêm para que tenhamos um lugar para colocar o gás quando ele não é demandado pelas térmicas, colocar e agregar valor. Então, nós não temos hoje um volume de gás adicional para tornar o Brasil autossuficiente, mas temos esses quatro investimentos em fertilizantes – amônia, ureia e sulfato de amônio e os nitrogenados, em que a base é gás natural. Porque dos fertilizantes potássicos nós temos as jazidas, mas passamos o direito exploratório temporário para a Vale do Rio Doce, porque não é nosso *expertise*.

Preço dos combustíveis, Senadora. Nós trabalhamos pela convergência. É preciso que haja convergência de preço, principalmente para uma empresa que tanto investe. Não acreditamos que a paridade imediata seja saudável para o País, mas trabalhamos pela convergência de preços.

Lições aprendidas, exemplos de lições aprendidas. São muitas as lições aprendidas. Para quem investiu no último plano 224,7 bilhões; no plano anterior, 206 bilhões; agora, 236,5 bilhões, as lições aprendidas são muitas, principalmente pensar muito bem os projetos antes de começá-los, trabalhá-los bem, como estamos fazendo com as plantas novas, com as refinarias novas. Está sendo feito um belo trabalho; há um ano e meio esse trabalho vem sendo feito pela equipe de refino e do abastecimento em que nós buscamos as métricas internacionais.

Aqui no Brasil, nos projetos da Petrobras, o trabalhador tem um trabalho que assegura a ele qualidade de vida no *site*, que não o expõe a riscos eminentes dentro de suas obras. O trabalhador trabalha com equipamentos de EPI, ele tem a hora de almoço, ele tem o restaurante dele; a gente exige o bom trato das companhias que contratamos. Em outros países – dos quais não citarei nem a região, nem o hemisfério –, eles tratam o trabalhador de uma forma muito diferente, Senador, da que tratamos no Brasil. Por isso, alguns processos de construção de *sites* têm um custo menor fora, mas esse custo à custa da vida do trabalhador a Petrobras não quer.



Então, trabalhamos com tecnologia para que a gente possa produzir mais e melhor.

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Aliás, Srª Presidente, se me permite um aparte, faltou a questão dos acionistas.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Ah, eu quero falar.

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Sobre essa questão que a senhora falou do trabalhador, eu queria até cumprimentar a Petrobras, porque fizemos com o Senador Wellington Dias um debate sobre drogas, e a Petrobras trouxe um exemplo de muita qualidade do ponto de vista da participação da empresa nesse processo de acompanhamento, de orientação e de prevenção às drogas.

Então, eu queria registrar a satisfação de ver esse trabalho da Petrobras nessa área, que é um problema grave no Brasil,

Agora, ouço a sua palavra sobre os acionistas, porque os investidores estão, certamente, muito preocupados.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Exatamente.

O SR. WELLINGTON DIAS (Bloco/PT – PI) – Uma empresa livre de drogas.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Pois não, Senador.

O SR. WELLINGTON DIAS (Bloco/PT – PI) – É o trabalho da empresa livre de drogas.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Exatamente, Senador. Para nós é um grande orgulho esse trabalho que fazemos junto aos nossos empregados e aos familiares dos empregados também.

Com relação aos acionistas. Eu trabalho o dia inteiro com os olhos em cima do valor das ações e posso dizer para a senhora que é bastante constrangedor quando a gente conversa sobre o valor de nossas ações. Eu acredito que essas ações estão com o valor muito abaixo do valor real delas. Eu acredito também que o trabalho dedicado, focado, a equipe focada na conclusão dos projetos, a equipe focada na conclusão da produção de petróleo, por consequência, os valores das nossas ações voltarão ao patamar correto, ao patamar justo da época antes da capitalização.

Temos o óleo descoberto. Nós temos a *expertise* para gerenciar, nós sabemos construir, nós sabemos operar.

Ontem entrou Cidade de Anchieta, primeira tentativa de interligação do poço e do FPSO que veio de Cingapura. Nós tivemos um bom sinal da produção. Hoje fizemos o fato relevante ao mercado. Então, tudo isso nós sabemos fazer.

Esse óleo descoberto, que nós estamos atrasados dois anos, quando ele começar a aparecer, eu tenho certeza de que nós vamos recuperar o valor de nossas ações. E trabalhamos pela convergência de preço. Sabemos da



importância que é manter esse mercado saudável, mas trabalhamos pela convergência de preço.

O que eu posso dizer para os acionistas é que comprem mais ações da Petrobras, porque o resultado está mostrado ali. Aqueles números, Senador, são absolutamente verdadeiros. Trabalhamos muito para atender as metas. Agora, é uma atividade que, por si só, consiste em um enorme desafio.

Eu queria agora me manifestar com relação à pergunta do Senador Suplicy, que está aqui me olhando.

O SR. EDUARDO SUPLICY (Bloco/PT – SP) – Pensei que a senhora tivesse me esquecido.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Não, não, de jeito nenhum. Enquanto estou respondendo a uma pergunta, estou formulando outra aqui e cuidando para, ao responder uma pergunta, não desapontar, dentro da veracidade com que me pronuncio, não desapontar, por uma palavra mal colocada, outro Senador.

Essa é a pergunta mais difícil que hoje me fizeram aqui. Não se vai sair uma pergunta mais difícil, mas é uma pergunta difícilíssima.

Posso dizer que a Petrobras... O José Eduardo, aqui, é o diretor da pasta de responsabilidade social; é uma área em que aquilo que a Petrobras pode fazer toma o risco aqui de dizer que está fazendo perante a sociedade.

O Senador Wellington também me pediu para falar sobre – não sei se foi o senhor – sobre o Prominp (Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural), sobre a indústria local; foi o Senador que estava aqui à minha frente. Nós temos feito um trabalho de formação, de educação, temos um trabalho lindíssimo que se chama Gerando Futuro, cujo piloto é em Três Lagoas. Temos 400 jovens trabalhando conosco, tendo aula todos os dias e mais de cinco horas de aula. Estamos implementando esse mesmo modelo em São Paulo, em São Sebastião.

Então, a Petrobras tem feito muito, mas não é tudo que pode ser feito pelo Governo Federal. O Governo Federal, na administração desse fundo social, pode fazer muito mais. Não sei dizer o que fazer nem como fazer na gestão desse fundo, porque é grande demais para mim. Eu teria que estar sentada de novo – e seria um grande prazer – do lado do governo. Estou ao lado do governo, não do lado. Eu precisaria ter essa discussão para que eu pudesse sugerir alguma forma de administração desse fundo. Agora, eu tenho certeza de que a decisão da criação do fundo social foi uma generosidade da mente humana, de quem elaborou a estruturação desse fundo, aquele anjo que passou e que iluminou a mente humana, para que pudesse conceber o fundo. Agora, cabe aos administradores a utilização desse fundo.

A Petrobras tem feito muita coisa, mas é muito pouco comparado ao que pode fazer o Governo Federal na gestão do fundo.



Eu gostaria que o senhor me mandasse por *e-mail*, se possível for, os endereços que o senhor falou aqui das pessoas que contaram histórias para o senhor. Gosto muito de ouvir histórias. Então, se o senhor puder mandar para mim, eu agradeço.

O SR. EDUARDO SUPPLY (Bloco/PT – SP) – Permita-me, Sr. Presidente.

No próximo dia 14, sexta-feira, estarei em Munique, na Alemanha, e ali falarei sobre a evolução da proposta da Renda Básica de Cidadania no Brasil, de como prevê a lei, de como iremos passar...

O Senador Pedro Simon pergunta se a senhora já ouviu falar a respeito.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Eu já ouvi falar da Renda Mínima.

O SR. EDUARDO SUPPLY (Bloco/PT – SP) – Mas eu terei o maior prazer de... Eu vou voltar da Alemanha com o compromisso de trazer o livro que conta a história de como o Alasca, nesses trinta anos, paga um dividendo a todos os seus habitantes e ali residentes há um ano ou mais e de como esse pode ser um exemplo daquilo que já é lei no Brasil. Só falta o Senador Pedro Simon persuadir a Presidenta Dilma Rousseff de que vale a pena começar o quanto antes.

Como a senhora falou com tamanha atenção, por exemplo, para todas as dezenas de milhares de trabalhadores na Petrobras e depois para todos os acionistas, eu quero transmitir para V. Sª, Presidente da Petrobras, a empresa que é uma das principais geradoras de recursos que vão para o fundo social cuja finalidade estamos aqui estabelecendo – e às vezes há disputas sobre se vai ficar mais com este ou aquele Estado –, que tenho a impressão de que o bom senso indica que os 194 milhões de brasileiros e brasileiras devem, de alguma forma, participar da riqueza comum encontrada, por exemplo, no fundo do Oceano Atlântico, diante do Brasil. Assim como o Alasca conseguiu, através do seu fundo permanente – e vou lhe mandar, de pronto, a palestra que tenho a respeito, que farei na Alemanha, no XIV Congresso Internacional da Bien, e lhe trarei o livro a respeito do exemplo do Alasca. Eu ainda não tenho; ele acaba de sair, mas vou encontrar o seu autor lá em Munique, porque ele é o Presidente da Rede Mundial da Renda Básica. Então eu vou lhe trazer, prometo, e lhe faço uma visita lá...

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Bom, muito obrigada.

O SR. EDUARDO SUPPLY (Bloco/PT – SP) – ...na sede da Petrobras para entregar o livro e conversarmos um pouco mais.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Está certo. Muito obrigada pela atenção.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Obrigado, Senador Supply.



Senador Sérgio Souza, pela ordem.

O SR. SÉRGIO SOUZA (Bloco/PMDB – PR) – Sr. Presidente, Srª Maria Foster...

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Depois, o Senador Agripino e o Senador Pedro Simon, pela ordem também

O SR. SÉRGIO SOUZA (Bloco/PMDB – PR) – Eu sou do Estado do Paraná, um dos maiores produtores agrícolas do Brasil, junto com Goiás, Mato Grosso, Tocantins, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e sou um dos Senadores que cuidam da agricultura do Brasil.

No final de semana passado, viajei ao interior do Estado e visitei cooperativas como a Coamo, além de empresas do setor sucroalcooleiro, dentre as quais está o Presidente da Federação da Agricultura do Paraná, e de ambos ou de vários ouvi uma preocupação muito grande com o desabastecimento de *diesel*, exatamente neste momento do plantio da safra que começa lá no meu Estado, gerando uma instabilidade.

Estamos agora passando por um momento de falta de chuvas no Paraná, mas a previsão é de que chova nos próximos dez dias, quando todos os tratores irão ao campo e precisarão do estoque de *diesel* para plantar. Está muito recorrente no Paraná essa questão do desabastecimento do *diesel*.

Gostaria de saber da senhora qual é a posição da Petrobras, se isso já não foi respondido antes.

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Abrindo a nossa nova rodada de perguntas, o Senador Agripino pediu pela ordem e o Senador Pedro Simon também. Serão os últimos três, e a Drª Graça Foster responderá, para concluirmos esta excelente audiência pública que realizamos hoje, com a Comissão de Assuntos Econômicos e a Comissão de Infraestrutura.

Temos agora o quarto inscrito.

Senador Agripino Maia.

O SR. JOSÉ AGRIPINO (Bloco/DEM – RN) – Obrigado, Presidente.

Drª Graça, eu gostaria de agradecer a sua presença, que é positiva nesta Comissão, acompanhada do nosso ex-colega José Eduardo Dutra, que exerce funções de diretoria na Petrobras, para os esclarecimentos que já aconteceram, mas eu gostaria de tecer algumas considerações de forma rápida e manifestar uma preocupação que acho que não foi ainda objeto de comentário nas perguntas e nas respostas que foram dadas.

Eu sou do Rio Grande do Norte, Drª Graça, fui governador, e o meu Estado ainda é o maior produtor de petróleo em terra. E, pelo fato de eu ter sido governador e ter assistido o processo de instalação, pela Petrobrás, das primeiras sondas, eu acompanhei de forma muito presente o alcance do Brasil na autossuficiência de petróleo. Eu lembro que foi, mais ou menos, na marca de produção de um milhão de barris de petróleo, foi quando alcançamos a



autossuficiência, e o Rio Grande do Norte, que tem poços em terra, deu a sua contribuição. Eu me lembro que a autossuficiência foi anunciada com grande pompa e circunstância na P-50, quando o Presidente Lula lá esteve e carimbou, com as mãos sujas de petróleo, com um macacão laranja, e anunciou naquela oportunidade a autossuficiência. E aí vem a minha preocupação com as colocações que quero fazer a V. S^a.

A informação que tenho, e gostaria que fosse confirmada, é que a P-50, que foi um ícone na produção de petróleo do Brasil, porque foi lá que o Presidente Lula anunciou a autossuficiência, parece-me, produzia 180 mil barris de petróleo/dia, e hoje produz 70 mil barris/dia. Dizem, inclusive li na *Folha de S. Paulo*, que a P-50 produz hoje mais água do que petróleo. Não sei se procede ou não, mas é uma coisa que me preocupa.

A Bacia do Roncador é outra que contribuiu em grande medida para a autossuficiência. Hoje o Brasil produz dois milhões de barris/dia de petróleo, e Roncador está no meio disso. Roncador chegou a produzir 460 mil barris de petróleo/dia e, pelo que me informam, a produção hoje está em 270 mil barris de petróleo/dia. Essas quedas de produção são a razão da minha preocupação e da minha pergunta, porque, no meu Estado, onde há uma enormidade de poços de petróleo em terra, se construiu até uma termelétrica, a Termosul, para produzir vapor para injetar nos poços para aumentar a produção de petróleo, com investimento. Eu não sei o que é que está ocorrendo com Roncador, com a P-50, se é esgotamento do poço, se é falta de investimento. O fato é que aquilo com que nós contávamos para a autossuficiência – 470 mil barris de Roncador, 170 mil barris da P-50 – hoje está em grande medida reduzido.

E isso me leva, aí sim, à pergunta que lhe faço, à minha preocupação. Em função dessas quedas e daquilo que a gente vem tomando conhecimento, o maior gol da Petrobras foi ter participado desse processo de anúncio da autossuficiência ao lado de outras empresas que contribuíram para esse gol, porque foi pelo processo de concessões que o Brasil atingiu a autossuficiência; a Petrobras comandando o processo, mas concessões dadas a outros parceiros privados, somando a produção, levaram o Brasil à autossuficiência no regime de concessão. E vem a minha preocupação. Eu não tenho ouvido falar na abertura de novas licitações. Será que a mudança do regime de concessão para partilha, em que a Petrobrás tem a obrigação...

Vou respeitar aqui o carinho do Senador Eduardo Braga.

Eu não sei se a mudança do regime de concessão para partilha, em que a Petrobrás está, pelo próprio processo, obrigada a participar de todos os investimentos, de todas as parcerias, não estaria inibindo o investidor privado a participar de licitações novas que viessem a compensar essas perdas da Roncador, da P-50 e de outras perdas que estão em curso ou que já ocorreram e que podem estar nos levando a importar muito óleo *diesel*, muita gasolina. É claro



que isso vai muito em decorrência da qualidade do petróleo que se produz, eu sei disso.

Eu gostaria de ter a opinião da senhora sobre se a mudança da concessão para partilha não estaria afugentando investidores, que não estariam compensando as perdas das empresas e nem estariam participando, como se desejava, da exploração do pré-sal, que é a grande esperança nacional em matéria de produção de petróleo. Essa é a pergunta que lhe coloco, com a preocupação que manifesto.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Obrigado, Senador Agripino.

Com a palavra o Senador Pedro Simon.

O SR. PEDRO SIMON (Bloco/PMDB – RS) – Sr. Presidente, Sr^a Presidente, infelizmente eu cheguei tarde à reunião e não tive oportunidade de acompanhá-la como gostaria, mas há muito tempo tenho acompanhado o trabalho de V. S^a na Presidência da Petrobras e tenho torcido e esperado, com grande expectativa, os seus acertos.

É interessante voltarmos à Petrobras, que viveu duas fases em termos de manchetes de jornais muito claras em sentido opostos. Ao final do governo do seu antecessor, a fase da Petrobras era uma espécie de euforia, de crescimento, de desenvolvimento, da expansão; era uma fase em que montava uma expectativa emocionante da Petrobras. Mas a sua entrada, com a análise que a senhora fez, com os dados que a senhora apresentou, o quadro tem sido bem diferente, e as interpretações feitas à Petrobras são as de que ela atravessa uma fase bem diferente daquela apresentada anteriormente.

A senhora não tinha nascido na época da nossa luta em defesa do petróleo. É algo que a gente vê, a minha geração de estudante, com muita paixão nesse sentido. Nós vivemos aqui um momento do governo do Fernando Henrique, que foi um pouco angustiante. Na época das chamadas privatizações dele, chegou a estar nas manchetes dos jornais a privatização da Petrobras e do Banco do Brasil. Tanto que, ao votarmos uma lei – e a gente votou, mas se falava que havia uma redundância desnecessária, que o monopólio da Petrobras está na Constituição e tem uma lei especial – nós exigimos uma carta compromisso do Fernando Henrique, em que ele assumia o compromisso de não mexer no monopólio da Petrobras e no do Banco do Brasil, o que, aliás, ele cumpriu. Houve um incidente grave, para mim, envolvendo a Petrobras, e eu analiso com respeito as privatizações feitas pelo Fernando Henrique e analiso a continuidade que vem sendo feita, de maneira direta ou indireta, inclusive pelo atual Governo, seguindo mais ou menos o mesmo sistema.

Mas houve uma que chocou muito o Congresso Nacional. Foi a privatização da Vale do Rio Doce. A privatização da Vale do Rio Doce teve um debate muito intenso. Eu fui um dos que defendi na época – e apresentei emenda nesse sentido, mas não consegui êxito – que nós deveríamos fazer, com relação à



Vale do Rio Doce, a divisão, inclusive criando uma nova empresa que ficasse com o fundo, com a riqueza, com as reservas que nós temos, enquanto a Vale do Rio Doce, a empresa em si, fosse privatizada.

Durante quase um século, sendo a Vale do Rio Doce uma companhia estatal, o Brasil gastou fortuna em busca de minérios e em pesquisas. Foi uma importância enorme. Na maioria das vezes o Brasil encontrou, mas não tinha condições nenhuma, economicamente, de fazer a exploração e apenas colocou uma laje em cima, escreveu, carimbou ali “propriedade da Vale do Rio Doce”, mas não tinha condições de levar adiante.

Então, a tese que eu e muita gente defendeu era de que tudo que estava em andamento na Vale do Rio Doce, as empresas, fosse para a privatização. Mas essas reservas técnicas, essas que existiam, essas infinidades de descobertas que se sabia existirem, que existem e que não tinham absolutamente nada, que estavam ali paradas, não fossem junto com a Vale do Rio Doce e ficassem como propriedade de uma empresa, que não teria mais de meia dúzia de funcionários, para que tivessem esse resguardo. Não foi possível conseguir isso.

Aí, houve a privatização. Na privatização houve um fato que V. S^a conhece, como todo mundo conhece, que foi realmente muito doloroso. Quanto à Vale do Rio Doce já se sabia, no decorrer do tempo, que havia um grupo composto pelos grandes empresários, que praticamente estavam com a garantia da privatização. Veio, inclusive, e nos visitou na comissão que nós criamos à época, o Sr. Antônio Ermírio de Moraes e outros empresários que faziam parte do grupo que estava constituído. E era certo, absolutamente certo que a privatização seria a comandada por esse grupo.

Dez dias antes se criou uma nova empresa. Dez dias antes de tomar posse uma empresa composta pelas mais tradicionais empresas ligadas a esse setor, pessoas inclusive – digamos assim – concorrentes; porque não era um arranjo, era um grande empreendimento. Dez dias depois se criou uma empresa, e essa empresa ganhou, porque os fundos de pensão da Petrobras, do Vale do Rio Doce e do Banco do Brasil receberam a determinação de saírem daquela empresa que estava decidida há muito tempo e irem para essa nova que tinha sido criada há dez dias.

Esse fato criou um incidente tão doloroso à época, que nós convocamos para o debate no plenário do Senado o Ministro Barjas, que era o Ministro encarregado dessa situação, porque a imprensa toda tinha publicado que a reunião tinha sido em seu gabinete – ele, o Presidente do Banco Central, a Petrobras, a Vale do Rio Doce, essas entidades - e que nessa reunião tomaram a decisão de tirar esses dois fundos dessa empresa capitaneada pelos empresários e entrar para uma nova que não se sabia o que era.

A situação foi tão delicada no plenário que o Ministro saiu do plenário, pegou o telefone e se demitiu com o Presidente Fernando Henrique. Foi



um fato até que ficou famoso nesse sentido, porque as coisas, os fatos que vieram à tona, o fato de ele estar ali de certa forma fez parecer que ele teria sido envolvido, não sei quê. Mas ficou demonstrado que tinha sido naquela reunião que a coisa tinha acontecido, no gabinete dele, e ele ficou tão chocado que saiu, pegou o telefone e se demitiu perante o Presidente da República.

Então, essas questões são ao longo do tempo realmente muito delicadas. E a gente vê, ilustre Presidente – eu vi isso com certa mágoa, durante um tempo – a Petrobras parece, perante a opinião pública, estar sendo fatiada: essa aqui é do MDB, essa aqui é do PCdoB, essa aqui é do PT, o fundo de pensão é de não sei quem. Mas é uma coisa impressionante de a gente conseguir até imaginar que em uma empresa do porte da Petrobras, da seriedade da Petrobras acontecesse isso.

Até esse rapaz, Deputado Federal, ainda hoje Presidente do PTB, o Roberto Jefferson, quando ele veio ao debate na comissão e fez a análise, contou toda a história de como essas coisas tinham acontecido, dizendo ampla e abertamente que essas coisas tinham acontecido, que tinha havido uma distribuição, “isso é meu”, “isso é teu”, “isso é do PT”, “isso é do PTB”, “isso é de não sei quem”, “isso é de não sei quem”, e que, junto com os cargos houve, entre aspas, “os encargos”. Eu felicitei o Deputado, que havia apontado como vilão número um, e eu o felicitei. “V. Ex^a está prestando um grande papel a este País”.

V. Ex^a, Presidente, que foi Presidente da Comissão, sabe de tudo isto que estou falando, porque passou por V. Ex^a. Eu o felicitei. Disse: “V. Ex^a está fazendo um papel excepcional. V. Ex^a foi indicado. Como Presidente do Partido, V. Ex^a foi informado como um dos que entraram na distribuição. V. Ex^a podia ficar calado e tentar ver o que vai acontecer. E nesse ‘o que vai acontecer’, terminaria se arranjando e não sei quê e não acontecer nada”.

No momento em que ele denunciou e contou tudo, começou o trabalho. Foi a partir da denúncia do Deputado Jefferson, quando ele contou como é que era feito, como é que aconteciam as coisas, como é que as coisas se verificavam, foi a partir daí que veio à tona tudo e saiu o mensalão e saiu tudo mais.

Eu vejo, com a indicação da nova Presidente e com a indicação de V. S^a, as informações de que isso não está mais acontecendo, que as nomeações de V. S^a seriam técnicas. Quando digo técnicas, não estou aqui querendo dizer que não aceito que homem partidário, que tenha partido e que tenha política não tenha condições de ser um grande cidadão e um grande profissional. Só que eu digo que ele deve ser indicado como um entendedor da matéria, não um distribuidor da renda que está ali distribuída.

As informações que eu tenho são de que V. Ex^a está tentando fazer isso e tem feito isso. As modificações, as alterações, as interferências de V. S^a têm sido neste sentido, e eu vejo com muita simpatia.



Mas, por outro lado, com toda sinceridade, a figura de V. S^a é muito controvertida. Parece que as outras figuras, que estavam acostumadas com o estilo antigo, não gostam muito de V. S^a. Então, se V. S^a, de um lado, está satisfazendo, está apresentando esse novo estilo, essa nova fórmula, esse estilo de agir, tem gente que leva os argumentos mais variados para dizer que não está gostando da atuação de V. S^a.

Eu lhe respondo, do fundo, com toda sinceridade, que eu, por várias razões, não tenho condições de dar uma resposta, porque eu não tive capacidade de me aprofundar para dar uma resposta sobre isso, mas essa interrogação, cá entre nós, existe. A gente vê que as notícias são as mais impressionantes e as mais variáveis. Vê-se que são de fontes completamente diferentes, com relação à atitude “a”, “b” ou “c” de V. S^a. De repente, abre-se o jornal e há uma notícia desse lado e, de repente, abre-se outro jornal e, sobre a mesma matéria, há uma notícia do outro lado, e os dois lados do Governo, ou pelo menos de grupos integrantes do Governo, o que mostra que haveria uma divergência nesse sentido.

Nós sabemos, V. S^a muito mais do que eu, que esse problema realmente existe. Em questão de petróleo, a crise é internacional, não era tão fraquinha como o Lula dizia, embora, na minha opinião, o Governo tem agido com muita profundidade. Mas ela existe, ela é real. Eu me pergunto: quando o Lula lançou o projeto, ele foi praticamente a primeira grande manchete mundial que o Lula ganhou, exatamente sobre o que sucedeu com o petróleo, pelo Brasil ter expectativa de novas fontes de petróleo. O Governo jogou tudo nisso. Parecia que esse era o caminho. Quando apareceram as novas descobertas do pré-sal, praticamente parece que o Brasil parou nesse esquema. Hoje, vê-se a América avançando enormemente e o Brasil recuando.

Quando eu era Ministro da Agricultura – e lá se vai muito tempo -, o Embaixador dos Estados Unidos, junto com o representante de Estado americano, me pediu uma entrevista, em que ele dizia: “Nós temos uma grande notícia”. Naquela época, era proibida a mistura de qualquer genérico deste no petróleo. “Nós estamos querendo dizer que a lei está indo para o Congresso Nacional, que o Congresso americano vai aprovar e que nós vamos precisar de quantias imensas de milho para adicionar ao nosso petróleo”. Então, eles queriam iniciar as negociações com o Brasil nesse sentido. Eu - ingênuo, não entendia muito desse assunto – fiz uma pergunta: “Mas os senhores querem, então, fazer o negócio conosco, para aumentarmos a produção de milho, garantindo que nós vamos trocar o milho para os senhores, em troca de petróleo ou coisa parecida”. Disseram: “É, é isso”. Aí eu disse para eles: “Mas por que vocês não plantam o milho de vocês e nós cuidamos do nosso petróleo?”. Na verdade, eles terminaram plantando. Na verdade, aquilo que eu disse brincando, achando que o americano podia produzir milho e não ia querer trocar milho em petróleo... Então, ele queria que nós brasileiros produzíssemos milho para vender para eles e depois... Pois o americano está fazendo isto: o americano está produzindo milho e, do milho, está



se transformando no grande produtor. E eu não sei qual foi o motivo que determinou que o Brasil parasse nessa matéria. Essa grande bandeira do Lula, esse grande movimento, hoje... Entrou o pré-sal, o pré-sal nos dividiu aí feito doidos. Então, o nosso Presidente ali, do Espírito Santo, ficou de olho arregalado, porque nós do Rio Grande do Sul queríamos um pedacinho também. Na verdade, na verdade, essa situação não foi adiante.

Eu estou me achando meio bobo, porque eu aqui não estou entendendo que eu estou na Presidente da Petrobras. A Presidente da Petrobras é uma mulher forte. Eu acharia que podia ser a quarta mulher... É a Dilma e, depois, é a senhora. Que é que tem? Se eu tivesse de escolher entre a Presidente da Argentina e a senhora, eu botaria a senhora muito na frente dela. Eu estou tirando o seu tempo valioso, e as pessoas estão me olhando, mas eu digo que é com muita emoção que falo com V. S^a, porque a sua história, a sua biografia, a sua luta, o nome que a senhora representa, o carinho com que V. S^a é respeitada e acatada por todas as pessoas que vejo, realmente, são muito grandes.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Pedro Simon.

Com a palavra agora o Senador Tomás Correia. Depois, Senador Eduardo Braga.

Eu queria só registrar a presença do Deputado Nelson Marquezelli, nosso grande amigo, e cumprimentar também o ex-Deputado Elisio Curvo, lá do Mato Grosso do Sul, da nossa Corumbá, também aqui presente.

Senador Tomás Correia.

O SR. TOMÁS CORREIA (Bloco/PMDB – RO) – Sr. Presidente, Sr^a Presidente Maria das Graças, é praticamente uma pergunta só. É sobre o gás de Urucu. Nós, de Rondônia reivindicamos o gasoduto, transportando o gás de Urucu para Porto Velho. Isso tem sido uma bandeira da Bancada federal, do Governo do Estado.

O Senador Raupp fez aqui diversos pronunciamentos sobre esse assunto. Eu gostaria de saber de V. Ex^a o que existe de decisão sobre essa matéria.

Essa é a pergunta objetiva.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Tomás Correia.

Por último, mas não menos importante, o importante Líder do Governo, Senador Eduardo Braga.

O SR. EDUARDO BRAGA (Bloco/PMDB – AM) – Meu querido Presidente desta importante Comissão do Senado, nosso querido Delcídio do Amaral; nossa querida Presidenta da Comissão de Infraestrutura, nossa querida Senadora Lúcia Vânia; nossa querida Presidente da Petrobras, minha querida amiga Maria das Graças Silva Foster, fazendo jus ao que disse meu querido Líder



Agripino, nutro por V. S^a não só carinho, mas também muito a respeito pelo trabalho, pela competência, pelo espírito de brasilidade que V. S^a sempre demonstrou ao longo da sua carreira e da sua trajetória.

O meu querido José Eduardo Dutra, Diretor Corporativo e de Serviços da Petrobras, ex-Presidente da Petrobras, ex-Presidente da Petrobras Distribuidora também foi uma pessoa muito importante, Sr. Presidente, juntamente com nossa Presidenta Maria das Graças Foster, com a Presidenta Dilma e com o Presidente Lula, para que o Gasoduto Urucu-Coari-Manaus pudesse ser realizado.

Portanto, as minhas primeiras palavras são de agradecimento tanto ao nosso querido José Eduardo Dutra quanto à nossa querida Dr^a Maria das Graças Foster por essa importante realização em pleno coração da Amazônia, que foi a primeira etapa do Gasoduto Urucu-Coari-Manaus, que permitiu dar um passo estratégico importante para nossa região na mudança de matriz energética. É um novo paradigma para a região amazônica. Agora, com a interligação de Manaus e da margem esquerda do Rio Amazonas com o sistema elétrico brasileiro através do Linhão de Tucuruí até Manaus, que passa por Macapá e chega até Manaus, nós interligaremos uma matriz energética importante, como o é a matriz energética do gás natural do Amazonas, com o sistema elétrico nacional no padrão hídrico, o que poderá trazer novos horizontes e novos paradigmas.

Aí vão as minhas perguntas tanto à nossa Presidenta Maria das Graças Foster quanto ao nosso querido José Eduardo Dutra.

Eu gostaria de perguntar à nossa Presidenta se nesse programa...

Aqui quero, mais uma vez, reconhecer a lucidez da administração de V. Ex^a na Petrobras quando reposiciona o nível de investimento da Petrobras para os próximos anos, para que nós possamos ter mais clareza diante dos novos desafios e do novo momento econômico por que passa não apenas a comunidade internacional como também, até mesmo, o nosso País.

Pergunto a V. Ex^a como está a questão de investimentos da Petrobras em novas áreas de prospecção na região amazônica e a perspectiva da Petrobras, tendo em vista que há quatro anos existem novos blocos a serem leiloados pela ANP para prospecção na Região Norte e na Região Nordeste e em regiões *onshore* no Espírito Santo, mas nos últimos quatro anos, até agora, isso não tem sido levado à frente em função da indefinição do marco regulatório entre concessão e compartilhamento, a questão dos *royalties*, que ainda está pendente no Congresso Nacional, mais precisamente na Câmara dos Deputados? E qual a expectativa de investimentos da Petrobras na Região Amazônica, a partir desse cenário das reservas dos blocos que a Petrobras possui, para que nós possamos ter um horizonte do aumento da produção de gás natural naquela região, diante do novo investimento e diante do novo estabelecimento e, ao mesmo tempo, do potencial que aquela região poderia ter de petróleo com relação à questão das plataformas *onshore* na Amazônia, que são fundamentais, creio eu, para um



equilíbrio do preço do petróleo produzido em Território nacional, tendo em vista o custo do petróleo com relação à questão da nossa região do pré-sal?

Portanto, seriam essas as duas perguntas, Sr. Presidente.

No mais, parabenizo a iniciativa da nossa Comissão de Assuntos Econômicos, bem como da Comissão de Infraestrutura, tendo em vista que a Petrobras, sem nenhuma dúvida, como foi aqui destacado pelo ilustre e nobre Senador Pedro Simon, representa para a economia brasileira algo de extrema importância e que tem impacto no nosso PIB de forma destacada, como os investimentos e a presteza e a firmeza na execução desses investimentos, não só pela garantia do produto, que é uma alavanca inquestionável para a economia, mas também pelo impacto direto no aumento do nosso PIB pela capacidade de investimento da Petrobras.

Portanto, ao debatermos isso no Senado da República, no momento em que a comunidade internacional e até mesmo a nossa economia nacional vivem o desafio de vencer essa crise econômica internacional com crescimento, é fundamental termos a perspectiva otimista e realista apresentada aqui pela Drª Graça Foster e pela Petrobras.

Parabenizo, mais uma vez, a eminente Presidenta da Petrobras, nossa querida Graça Foster.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Eduardo Braga.

Eu quero, antes da Senadora, antes da Drª Graça – Senadora Graça...

ORADOR NÃO IDENTIFICADO – Pode ser uma premonição.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – É quase uma premonição. Desta vez eu falei. Eu dei uma silabada lá atrás; agora eu...

O SR. EDUARDO BRAGA (Bloco/PMDB – AM) – Completou.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Completei.

Primeiro, cumprimento toda a equipe da Graça aqui presente, essa equipe competente da Petrobras aqui representada pelo Fernando, de Brasília. Cumprimento o Alcides, Diretor de Gás e Energia – seja muito bem-vindo sempre aqui; nosso querido Castro, um grande amigo, um executivo muito competente também da Companhia; nosso José Eduardo Dutra, também aqui presente.

Agora, passo a palavra a Graça, para que responda às últimas perguntas.

Eu só vou, já que estão cobrando lá em Mato Grosso do Sul, Graça,...

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Já falaram da fábrica de fertilizantes. Agora estão cobrando quando ocorrerá a conclusão da termelétrica de Três Lagoas.



O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Presidente Delcídio.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – E, por último, o poliduto, interligando a refinaria do Paraná, a Repar.

Então, Mato Grosso do Sul está perguntando ainda mais sobre os projetos da Petrobras no Estado.

O SR. SÉRGIO PETECÃO (PSD – AC) – Eu gostaria de encaixar só uma pergunta nessas perguntas que foram feitas pelos colegas.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Perfeitamente, meu caro.

O SR. SÉRGIO PETECÃO (PSD – AC) – O senhor me permite?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Senador Petecão.

O SR. SÉRGIO PETECÃO (PSD – AC) – Presidente, sou do Acre. Lá no meu Estado – um pouco na linha do que falou o Senador Eduardo Braga –, fala-se muito que, na região do Juruá, perfurações já foram feitas. Eu queria saber o que há de concreto ali na região, porque foi criada uma expectativa de que ali pudesse existir petróleo...

O SR. EDUARDO BRAGA (Bloco/PMDB – AM) – No Alto Juruá.

O SR. SÉRGIO PETECÃO (PSD – AC) – No Alto Juruá, na região do Juruá, no Alto Juruá.

Então eu gostaria de saber o que realmente há de concreto, porque se criou essa expectativa no povo. Nós sabemos que, no nosso país vizinho, no Peru, é feita essa extração de petróleo na nossa fronteira. Eu queria realmente saber o que há no Acre.

É só isso, Presidente.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Petecão.

Senador Inácio Arruda, chapa pura de Fortaleza.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Puríssima.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – O chapa puríssima, Inácio Arruda.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – A pureza da política, enfrentando as máquinas.

Sr. Presidente, cara Presidente Graça Foster, nossa Presidente Lúcia Vânia, estou chegando também quase neste momento. Ouvi as últimas intervenções dos nossos companheiros, do Senador Pedro Simon; ouvi aqui a abertura do nosso Senador do Ceará – lá de Rondônia, mas também do Ceará, Pedro Simon –, Petecão, Eduardo Braga,...

O SR. SÉRGIO PETECÃO (PSD – AC) – Sou acreano.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Você é acreano, mas a base é cearense ou gaúcha, não há alternativa.



Srª Presidente, tenho acompanhado muito a atividade dessa empresa, que é a mais importante do Brasil e mais importante da América do Sul, empresa brasileira com presença em muitos países do mundo atualmente.

Temos em nossa Região Nordeste sempre uma grande expectativa com a Petrobras. Sei que o nosso Líder José Pimentel já arguiu sobre a questão da refinaria de petróleo no Ceará com decisão que teve caráter técnico e político. Tenho um colega Deputado Federal do Ceará, que recebeu o apelido de Chico Petróleo, de tanto que lutava pela refinaria que virou Chico Petróleo. Ele é preto, e o pessoal pensava que é porque ele é preto; não por ele ser preto, mas por lutar pela refinaria. E o Presidente decidiu fazer três refinarias no Nordeste. Hoje, alguns até argumentam que a nossa capacidade de refino bateu no teto; é preciso que esses investimentos corram.

Isso surgiu ali, e inclusive o nosso Governador está na Coréia, segundo informações do noticiário local, atrás de um sócio para nossa refinaria. Então, gostaria de indagar uma vez mais, porque sei que a matéria já foi tratada sobre esse assunto.

Segundo, tivemos oportunidade da Petrobras perfurar, na Bacia de Paracuru, no Ceará. E, em um furo que foi feito, encontrou-se uma área de possível boas perspectivas de exploração para produção de petróleo. Então, gostaria de saber se podemos ter informações a respeito de como está a área, se é possível, qual é a ideia de prospecção na região de Paracuru. Sempre tivemos notícia de que é uma área que não só tem petróleo, mas também tem possibilidade de haver muito gás naquela região, o que seria muito bom para nós e para o Brasil. E se há alguma – vou correr o risco de estar vencido – expectativa da Petrobras face à nova rodada de exploração de leilão para exploração exatamente naquela região do Brasil. É uma rodada que põe blocos da região Norte e Nordeste do Brasil, que são muito importantes para nossas expectativas, no mar e em terra. Acho que seria muito importante, porque talvez a empresa mais interessada é a nossa que tem mais importância; embora todas as outras possam concorrer, de fora, de dentro, de onde for, a mais interessada é a Petrobras. Então, gostaria de saber a expectativa da Petrobras em relação a essa rodada.

Ouvimos aqui da sabatinada na nossa Comissão de Infraestrutura, dirigente da ANP, falar a respeito de uma futura nova rodada, que já estaria sendo examinada, para exploração em terra. Então, como a empresa Petrobras tem esse grau de importância, e nós prezamos demais por ela, conforme todas as indagações e questões que já foram levantadas aqui, inclusive pelo Senador Pedro Simon. Eu tenho essa ideia, essa expectativa da sua importância, do seu papel, do seu valor, ainda mais na direção de V. S^a. Vi as mudanças que V. S^a realizou na diretoria da Petrobras, algumas porque os diretores já pediram para se aposentar e outras que V. S^a indicou. Considero todos técnicos, porque o nosso Senador Dutra é, antes de mais nada, um profissional da Petrobras, um técnico da



Petrobras. Então, acho que é uma indicação que tem esse caráter, e os demais companheiros que ouvi serem indicados por V. S^a também tiveram esse viés que o Senador Pedro Simon levantou aqui: são técnicos, preparados tecnicamente. Evidentemente que todos são políticos, porque é da nossa natureza, mas todos têm esse caráter e esse perfil, que é muito importante para a companhia.

Então, nós estamos aqui no zelo; fui autor de um dos requerimentos. Infelizmente, tive que velar o corpo de um amigo hoje pela manhã, na minha cidade, além da campanha que faço, mas não poderia deixar de estar presente também naquele momento de solidariedade a uma família de grandes relações que temos na nossa cidade de Fortaleza. Mas gostaria de fazer essas indagações que considero muito importante para a nossa Região Nordeste e para o meu Estado Ceará. Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigado, Senador Inácio Arruda.

Quero também aproveitar para cumprimentar o Mário Jorge, aqui presente, cumprimentar o Rafael, competentes representantes da Petrobras que acompanham a nossa Presidente Graça.

Passo agora, em definitivo, Graça, a palavra para a gente concluir esta audiência pública de horas a fio da Comissão de Assuntos Econômicos e da Comissão de Infraestrutura.

A SR^a MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Muito obrigada por me passar a palavra. Fico preocupada em deixar de anotar alguma coisa, mas, se eu não responder, por favor, eu gostaria de ter a colaboração de vocês.

O Senador Sérgio Souza faz uma pergunta sobre desabastecimento de diesel, especificamente no Paraná.

O crescimento do diesel é impressionante; houve um crescimento, como mostrei no início da minha apresentação, no Brasil, no período entre 2000 e 2011, de 43% o consumo de *diesel*. Comparando o primeiro semestre deste ano com o primeiro semestre do ano passado, cresceu 7%. E neste mês de agosto batemos outro recorde também de consumo de *diesel*. Então é uma situação nova. Aparecem alguns pontos, algumas regiões pontuais com alguma dificuldade de abastecimento, mas a informação que tive hoje de manhã, cedo, em conversa com o Diretor Consenza sobre abastecimento de forma em geral, ele me disse que as novas demandas de *diesel*, para este período agora de setembro/outubro, já estão ajustadas e não há foco de desabastecimento. Agora, o fato é que o crescimento de *diesel* é relevante, muito grande.

E as distribuidoras têm trabalhado numa zona de conforto que não é mais possível. Todas as distribuidoras, a BR e todas as demais, precisam trabalhar com estoques maiores para atender nichos de mercado específicos. Então o estoque ficava sempre com a Petrobras, e o conforto com as distribuidoras. Agora, a gente tem que compartilhar o atendimento do mercado. O mercado cresce para o interior, e as distribuidoras – esse é o papel delas, a



vocação delas – estão mais capilarizadas; e é preciso que elas também trabalhem um estoque mínimo para que haja segurança de atendimento ao cliente. Então temos trabalhado com a agência, com a área de comercialização da Petrobras, procurando uma interface que dê segurança ao abastecimento. Então, é um trabalho conjunto de um mercado novo que cresceu sobremaneira.

Com relação à colocação do Senador Agripino Maia, do Rio Grande do Norte, nós temos aqui alguns comentários relativos à autossuficiência de petróleo. Em 2006, tínhamos autossuficiência em volume; o volume de derivados que consumíamos à época atingiu a produção de petróleo, ou melhor, a produção de petróleo atingiu o volume de derivados que nós consumíamos à época. Então, é uma autossuficiência volumétrica: volume a volume, o que se produz e o que se consome. O Brasil nunca foi autossuficiente em derivados; nós sempre importamos mais derivados. O que acontece é que houve esse crescimento do diesel, como acabei de dizer para os senhores. Por exemplo, entre 2007 e 2011, a demanda por derivados no Brasil – falando de forma geral, não especificamente do *diesel*, porque os números ficam maiores ainda – cresceu 4,5%, contra uma produção de petróleo de 4,1%. Então, o consumo de derivados cresceu mais, e o petróleo cresceu 4,1% no mesmo período 2007/2011. Então, a expectativa que se tem é que com o crescimento da produção de petróleo da Petrobras, dos sócios e dos terceiros, ainda não sócios ou que não serão sócios para sempre; muitas vezes acontece que você tem um terceiro que não é sócio hoje, mas ele acaba sendo seu sócio.

Mas, se a gente olha para a produção do Brasil, a partir de 2014, volta-se à autossuficiência, a volumes iguais. Agora, importaremos derivados até que as refinarias entrem: a Rnest, primeiro trem em novembro de 2014, depois o segundo trem dela 2015; o Comperj, em abril de 2015. Nós vamos conseguir, precisamos fazer viáveis as refinarias do Maranhão e do Ceará, pois elas são absolutamente necessárias.

E aí, começa-se a ter uma produção de derivados que inclusive vai ficar menor do que a produção de petróleo. Então, nós teremos 4,2 milhões de barris de petróleo por dia em 2020 – óleo e líquido de gás natural – contra uma capacidade de refino de 3,4 e um consumo de 3,4. Então, começa-se a ficar com uma autossuficiência também em derivados. Esse é o ponto.

Então, em relação a essa ideia de que a Petrobras perdeu a autossuficiência, o que aconteceu foi um consumo de derivados muito maior, o que é muito bom.

Quando essa produção de petróleo vai acompanhar a produção de derivados? A partir de 2014, ela começa a seguir a produção de derivados.

Não é ruim a importação e a exportação. São boas oportunidades para importar, boas oportunidades para exportar. Ruim é ficar com nível de exposição de contratação de petróleo muito grande – ou grande – e uma



contratação de derivados também muito grande. Porque fica-se com uma dependência absurda, que não é o caso do Brasil, não é o caso da Petrobras.

Esse é um ponto, Senador, que eu gostaria de deixar claro: cresceu mais o consumo. Todos aqueles indicadores que eu mostrei no início da apresentação são indicadores muito conhecidos e muito discutidos pelos Senhores, mas eles puxaram esse consumo de uma forma bastante intensa.

Com relação a P-50 – essa plataforma P-50 que está em Albacora Leste –, como outras plataformas, em algum momento, estará com um nível de produção de água bastante maior do que estavam dois, três anos antes.

A Bacia de Campos é uma bacia madura. Não quer dizer que ela tenha chegado ao seu limite, porque nós instalaremos, a partir de agora até meados do ano que vem, algumas plataformas para a produção de 770 mil barris de petróleo por dia – 750 mil – que é a P-55, a P-58, a P-61, a P-63. Então, são plataformas na Bacia de Campos para produzir um óleo novo. Agora, essa bacia é considerada uma bacia madura. Então, há várias áreas dessa região que há essa produção de água. Esse óleo pesado exige injeção de água em aquífero, e é esse aquífero empurrado que faz essa produção de petróleo. E a água vem.

Então, não é um demérito para qualquer empresa no mundo a produção de petróleo, porque essa é uma condição natural. Existe sim, na Bacia de Campos, uma determinada área da UO-BC – Unidade Operativa da Bacia de Campos, uma área restrita, que na minha apresentação, aliás, nossa apresentação, ela aparece em vermelho – estou preocupada porque estou vendo Senadores com cópias toda em preto e branco, então não vão conseguir enxergar, mas imagino que a cópia eletrônica fique – e é uma área pequena.

Essa área menor é que a gente precisa trabalhar e estamos trabalhando desde o ano passado. Esse ano nós montamos um programa, mas essa atividade vem sendo conduzida desde o final do ano passado, para gente administrar a depressão natural do campo com menos incrustação, menos problemas no poço, menos problemas nos equipamentos submarinos, menos problemas nos *topsides*, na plataforma em si. Tudo isso vem sendo trabalhado, que é o Proef – Programa de Aumento da Eficiência Operacional.

Então são duas situações. O declínio é natural. Nós temos incorporado reservas, a produção de petróleo da Petrobras é a maior. Eu mostrei aqui que a nossa produção cresceu 45% de 2000 para 2011, enquanto a da Shell diminuiu e a da ExxonMobil, que é a maior companhia de petróleo do mundo, cresceu 6%. Nós não fizemos aquisições, é toda uma produção que nós chamamos de uma produção orgânica, sem aquisição de outras empresas. Então a Petrobras está muito bem.

Esta é a questão: não é que tenha havido pompas e tal da P-50; outras plataformas da Bacia de Campos vão começar os declínios naturais, o que não pode é haver uma depressão do reservatório que não seja administrada. A gente tem que administrar a exploração do petróleo dos lugares.



Quanto a autossuficiência, eu já coloquei.

Com relação à concessão e à partilha, se elas afugentam o investidor, eu não creio. Aliás, eu diria que não. Como nós estamos operando, por exemplo, no Mar do Norte, no Golfo do México, nós sempre procuramos uma empresa que conhece aquela região. Nós queremos nos associar com quem conhece, com quem tem 30, 40 anos trabalhando na região, para ser sócio em algum campo. E eu entendo que quem vem ao Brasil, as grandes, as *majors*, quando elas vierem para cá, quando for o momento da licitação, da rodada para o pré-sal, lá na frente, não sei quando será, elas irão nos procurar exatamente porque sabem que a lei nos obriga a ter pelo menos 30% de participação.

Petrobras tem uma história, nosso índice de sucesso exploratório na Bacia de Campos, no pré-sal, de forma geral, ele é de 94%, foi o número que coloquei. Eu não conheço, assim, em atividades severas, como o são águas profundas, em qualquer lugar, um resultado tão grande.

Então, eu acho que é ao contrário. O fato de termos que estar 30% em participação no campo vai dar para essas empresas uma competitividade maior, e elas virão. Nós ratearemos o risco natural dessas atividades, o risco do sucesso, o prêmio exploratório também – porque onde há o risco há o prêmio –, e o conhecimento, para definir as locações, que são as locações mais importantes e adequadas à participação naquele *bed*.

Então, eu acredito, prezado Senador, que provavelmente vai acontecer ao contrário: a Petrobras procura se unir a empresas que têm conhecimento fora do Brasil, e essas empresas procurarão a Petrobras. Dá mais segurança. Eu, por exemplo, posso dizer que, na área de exploração, produção, a grande maioria dos técnicos também vê assim, quando se está em uma determinada atividade e se quer um sócio. “Ah, é a Shell.” “Ah, é a ExxonMobil.” Poxa, ótimo, e tal. “É a Chevron.” Isso é bom, porque essas empresas têm uma história de mundo assim impressionante. Então, eu acho que não afugenta.

Senador Pedro Simon, ilustre Senador, na Petrobras, essa posição, apesar de eu estar há 33 anos na Companhia, acho que tudo é natural. Eu estou Presidente da Petrobras, mas eu me sinto engenheira. Esse é o ponto. Eu quero ir para a obra, eu quero saber de tudo que aconteceu, e não dá, às vezes, não dá, muitas vezes, não dá para saber tudo, e vem aquela angústia de que você precisa contar com as pessoas efetivamente. Elas sabem, elas vão passar para você.

Então, cada um é diferente. Eu, às vezes, falo: “Poxa, caramba! Esta aqui é a sala da Presidente.” Pois é, mas eu vivo muito mais a engenharia, a economia, o acompanhamento. Então, eu acho que é por isso que eu talvez seja mais contida assim. Eu fico muito feliz, muito empolgada, mas eu talvez seja, de fato, uma pessoa mais reservada. Não existe melhor, e não existe pior. Essa posição na Petrobras é realmente, eu tenho percebido, muito importante. A ficha cai para mim quando eu vejo 200 mil trabalhadores, pais de família, mães de



família que dependem do sucesso do nosso plano para que tudo isso continue prosperando. E aí eu vejo a responsabilidade que é ser Presidente da Petrobras.

Há gente que não admira a forma com que eu conduzo a empresa, e há gente que admira. Há outros que colaboram, e outros que se reservam, mas isso é assim desde que eu era engenheira I, desde que eu era júnior, desde que eu era sênior, desde que eu tive minha primeira gerência. Há gente que vem, e há outros que não. Há a forma de trabalhar muito incisiva e muitas vezes fria, mas a alegria, Senador, ela é imensa.

E eu vou até dizer também para o Senhor: a euforia que fica comigo é muito grande, porque uma empresa que tem 63 descobertas anunciadas, declaradas à Agência Nacional do Petróleo, só no pré-sal, de 2005 para cá, uma empresa que tem 189 descobertas nesse mesmo período, *onshore* e *offshore*, uma empresa que tem 15,7 bilhões de barris de óleo equivalentes de reserva, e daqui a pouco, com mais esse volume potencial de descobertas em que já estamos trabalhando, de descobertas – estamos fazendo os testes de longa duração –, vamos passar para 31 bilhões de óleo equivalentes, certamente, no mínimo, porque não começamos ainda os leilões, a Agência Nacional de Petróleo não começou os leilões.

Então, eu sou extremamente feliz com a empresa, sinto uma segurança bastante grande na força de trabalho da companhia. Isso não vem de agora, vem da gestão do Gabrielli, vem da gestão do José Eduardo, vem da gestão do falecido Presidente Gros, do Presidente Reichstul. São essas pessoas com quem vimos aprendendo, e eu me sinto muito à vontade de falar isso aqui para os senhores.

Eu simplesmente quero fazer tudo, fazer as contas e segurar minha alegria e tudo o mais, para que não nos mostremos, para que a euforia não venha à tona. É uma característica minha de fazer reserva, não só reservas de petróleo e gás, mas também anunciar na hora certa. Eu acho que esse é o ponto.

Mas eu creio que o pré-sal justifica a euforia, justifica o entusiasmo do Presidente Lula, o entusiasmo da Presidenta Dilma, o entusiasmo do Presidente Gabrielli, o meu entusiasmo, porque os números estão aí.

Hoje mesmo, em José de Anchieta, foi feita a interligação no poço. É uma unidade para cem mil barris. Daqui a pouco, em fevereiro, março, já haverá mais cem mil barris na conta. A curva vai subir e vai chegar ao número que nós anunciamos no Plano de Negócios.

O gás do Urucu. Foi colocado pelo Senador Tomás Correia, o gás para Porto Velho.

Senador, não existe na Petrobras esse projeto. Foi um projeto em que nós chegamos até a obtenção das licenças. Eu ainda não tinha ido para Brasília para ser Secretária de Petróleo e Gás da então Ministra Dilma. Nós tínhamos um projeto junto com o projeto Urucu-Coari-Manaus. E esse projeto saiu da carteira da Petrobras exatamente porque lá em Porto Velho já havia a térmica,



que estava rodando e estavam chegando os linhões. Esse projeto foi descontinuado. Agora, a Petrobras está o tempo todo analisando novas oportunidades de infraestrutura gasífera, especialmente na Região Norte. Hoje ele não é um projeto em carteira na Petrobras; ele não demonstrou a economicidade que precisa para estar na carteira da companhia.

Agora, é uma oportunidade, é uma área difícilima, caríssima para se construir. Do gasoduto Urucu-Coari-Manaus eu participei e eu jamais vou esquecer do trabalho de campo do gasoduto Urucu-Coari-Manaus. Foi muito motivante, muito emocionante, mas muitas vezes falávamos: “Poxa, mas será que vai dar? Será que vai dar?” E: “Vamos fazer!” E chama o helicóptero e levanta o tubo, e arrasta tubo. Foi quase feito no muque aquilo tudo lá. Tenho imagens lindas na minha mente, do período da seca, do período em que tínhamos os igarapés, o apoio do então Governador Eduardo Braga, da Secretária. São várias pessoas. Há tantos nomes que não vou nem citar, mas muitas pessoas construíram aquele gasoduto na marra mesmo.

Agora, se houver economicidade para Porto Velho, vamos analisar. Mas hoje não faz parte da nossa carteira de projetos.

Com relação ao Senador Eduardo Braga, à nossa luta, e principalmente sua. Houve vários momentos no Amazonas. Momentos em que não se podia nem ouvir falar em gás, até 2002. Éramos quase que postos para correr se falássemos em gasoduto lá, e tal. E depois veio o Governador Eduardo Braga. Eu era Secretária quando conheci o governador, e se juntou à vontade da Presidenta Dilma, então Ministra, à minha vontade de fazer o gasoduto, à vontade da Petrobras, principalmente da Petrobras, do Diretor Ildo Sauer, que era o diretor na época do Presidente Dutra, a Eletrobras. Todos se organizaram e nós temos esse gasoduto produzindo, várias térmicas já convertidas para o gás.

Agora, quanto à questão das outras oportunidades, precisamos ter mais gás, precisamos ter mais TCFs de gás para analisar a economicidade de transformação química do gás naquela região.

Então, aí vem o linhão; vem o Linhão de Tucuruí. As coisas começam a mudar o sinal, porque se pode disponibilizar o gás para gerações cíclicas. Dependendo de determinados momentos, pode haver uma geração maior ou menor, disponibilizar o gás, como estamos fazendo no Sudeste, para fazer fertilizantes. E é preciso licitações. Então, para a Petrobras ter novas áreas, essas licitações precisam acontecer, especialmente em terra, de forma mais próxima. E eu acredito que deva acontecer no próximo ano. Também valem para o Ceará, vale para o Piauí, vale para o Maranhão essas prospecções a serem feitas em terra.

A Petrobras não participa da decisão do Governo, do Ministério de Minas e Energia e da Agência, de promover o leilão, mas certamente a gente já começa a ficar ansioso por ter notícias dos próximos leilões, especialmente para terra e no pós-sal. Nós precisamos renovar o nosso portfólio, e eu acredito que o



Ministério de Minas e Energia e a ANP já estejam trabalhando nesse sentido. Para dar um salto em vocação, na região Amazônica, é preciso que a gente tenha mais TCFs para fazer uma produção voltada para a transformação química, além da questão térmica.

Foi o Senador Petecão que me falou sobre o Juruá, não é isso? Sobre o Alto Juruá. Toda essa região do Norte é importantíssima para a Petrobras, no todo. É muito importante que a gente analise essa região no todo. Certamente, vamos fazer o nosso plano estratégico; vamos começar a trabalhar o plano estratégico para os próximos anos. Não tem data ainda e não oficializamos o processo na companhia, mas é preciso fazer. E nós queremos olhar as Região Norte e Nordeste, do ponto de vista gasífero, de uma forma integrada.

Então, é preciso – mais uma vez eu digo – para que se consiga potencializar aquela região, em termos de geração de energia elétrica e transformação do gás, é preciso que haja os leilões, para que a gente tenha mais áreas, porque, consideradas as áreas isoladamente, os volumes não são relevantes, não se mostram, nas análises de dados que nós temos, relevantes para viabilizar o empreendimento.

Eu, antes de ser Diretora de Gás e Energia, em 1999, nos anos 2000, 2001 e 2002, eu era Gerente de Tecnologia de Gás e Energia do ilustre Senador Delcídio do Amaral. Ele era o nosso diretor; ele era Diretor de Gás e Energia da Petrobras e era meu chefe. Eu era uma gerente de tecnologia, lá no meio da pirâmide, mais para baixo do que para cima, e a gente tinha vários projetos nessa região. Mas nossos projetos iam até um determinado ponto e, depois, a gente entendia que precisava de mais dois, três, quatro TCFs, para poder viabilizar a monetização desse gás.

O SR. WELLINGTON DIAS (Bloco/PT – PI) – Só para os leigos aqui, o que é TCF? Você já falou não sei quantas vezes.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Trilhão de pés cúbicos de gás. Por exemplo, na Bolívia, temos trilhões de pés cúbicos. Como é volume, é em pés. É cúbico, por ser volume. Por exemplo, da Bolívia, nós temos monetizado para escoar para o Brasil dez trilhões de pés cúbicos de gás; e vêm para nós 31 milhões de metros cúbicos dia no gasoduto. Então, precisamos ter um volume de gás, no Amazonas, que justifica toda essa potencial utilização do gás nessa região. Precisa-se de mais volume.

O Senador Inácio Arruda colocou sobre a refinaria do Ceará, que é extremamente importante.

Para os Senadores que chegaram há meia hora, uma hora atrás, eu disse aqui que a refinaria se transformou num sonho não só dos governadores, dos Senadores, dos Estados, mas um sonho da Petrobras, porque a demanda é grande e a exposição à volatilidade dos preços internacionais da Petrobras é muito grande. Então, a gente faz um trabalho muito forte de viabilizar essas refinarias com métricas internacionais, com métricas em que a gente tem um



resultado econômico adequado pelo investimento que se faz, que se vai fazer. Então, vira uma perseguição. Eu falo sonho para falar leve, mas virou uma perseguição dos resultados, virou uma obsessão praticamente. A gente tem grupo de trabalho específico, dedicado a viabilizar essas refinarias. A cobrança é muito grande; então, queríamos, sonhamos, persequimos essas refinarias do Ceará.

Quanto à questão de ter um sócio – também colocamos aqui –, é interessante um sócio com grande experiência. A Petrobras, ela, a Petrobras, nós não partimos em busca desses sócios ainda, mas é muito importante ter um sócio que saiba fazer porque nós não temos a *expertise* que temos na área de exploração e produção, não temos a *expertise* que temos na área de gás e energia, na construção dos ativos. E sabemos que o refino da Petrobras é espetacular. Nos últimos dois, três anos, tem batido todos os recordes. O fator de utilização tem chegado a 100% em alguns dias. Batemos o recorde com o mesmo parque de refino, numa produção maior. Uma coisa é operar, a outra é construir. Então, eu falei ao Senador que via com bons olhos a participação da Coreia, da China, que tem um a imensidão de refino construído. Nesse sentido, o sócio que vem com o conhecimento e com o dinheiro é muito bem-vindo.

Furo do Paracuru. Eu vou pedir desculpas ao senhor, mas não estou atualizada sobre esse furo, do Paracuru. Não tenho uma atualização. Eu não tenho. O senhor me desculpe, mas eu não tenho.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Esse é um furo milionário. Não estaria nos milhões ainda, mas é um furo milionário.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Pois é, mas eu não tenho uma atualização. Eu sei da área, do bloco, mas não sei da... Vocês têm a informação? Você têm aqui? Você já pegou para mim? Pode falar, Mário Jorge.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Fala no microfone, Mário. Já fica gravado aqui na mesa aqui perto do Dutra.

O SR. MÁRIO JORGE DA SILVA – Boa tarde.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Mário Jorge é o Gerente Executivo de Desempenho. É ele quem persegue todo mundo na Petrobras querendo resultado e é ele quem trabalha diretamente ligado à Presidência da Petrobras. (*Risos.*)

O SR. MÁRIO JORGE DA SILVA – Obrigada, Presidente.

Paracuru é uma base de apoio para operações no mar e foi utilizada recentemente para a perfuração do poço Pecém, uma descoberta no bloco BM-CE-2 e será a base de apoio para perfurar o poço Canoa Quebrada, o que será feito em breve.

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – E qual foi a perspectiva desse poço que foi furado?

O SR. MÁRIO JORGE DA SILVA – Esse que foi furado foi uma descoberta.



A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Uma descoberta: há hidrocarbonetos.

O SR. MÁRIO JORGE DA SILVA – Isso.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Agora, a atratividade dele, eu não conheço, porque se faz uma descoberta e se tem a acumulação de hidrocarboneto, mas não necessariamente essa informação, num primeiro momento, te faz compreender que é de grande potencial.

Eu não sei dessa avaliação. Eu sei da descoberta, não da avaliação. Por isso que vou ficar devendo ao Senador. Quando o senhor estiver no Rio de Janeiro ou eu voltar a esta Casa, dou-lhe a uma explicação mais completa, o.k.?

Nova rodada. Campos de terra e pós-sal, estamos aí, entendendo que proximamente esperamos ser informados dessa possibilidade. A Petrobras não participa da decisão de fazer ou não a rodada, mas é importante.

(Intervenção fora do microfone.)

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Pois é, mas acredito que virá, tem que vir, precisa vir. Proximamente.

Eu creio, Senador, que respondi às perguntas.

O senhor vai me fazer duas perguntas?

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral Bloco/PT – MS) – Presidente, só Três Lagoas e o Poliduto. A termelétrica de Três Lagoas já está com o ciclo fechado desde abril.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Já está com todas as máquinas com o ciclo fechado. Três Lagoas no ciclo fechado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral Bloco/PT – MS) – Gerando hoje quantos megawatts?

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Duzentos e sessenta deve ser a capacidade toda, porque essa térmica que era altamente ineficiente porque era ciclo aberto. Fechamos o ciclo. A obra durou mais do que nós queríamos. Com o mercado muito demandado, ela durou mais tempo. Se hoje, com a demanda de energia que tem, ela que passa a ser uma das térmicas mais eficientes com *hit rate* mais baixo. Quanto é o *hit rate* agora? Menos de nove? Menos de nove.

E se ela não tivesse pronta, acho que o Alcides hoje iria voltar a pé para o Rio de Janeiro, porque você consome muito menos gás e gera muito mais. Mas ele é um menino ajuizado, de cabelo branco, mas um menino, e está com tudo prontinho.

Três Lagoas: a nossa planta de fertilizante de Três Lagoas está programada para entrar em operação em setembro de 2014 – não é isso? E está no prazo?

O SR. JOSÉ ALCIDES SANTORO – Está no prazo.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Então, está bom. E é bom que fique.



Está bom, gente.

É isso, Senador.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Eu quero agradecer a todos...

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Pela ordem, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Depois dessa sessão de espancamento da Presidente Graça com perguntas...

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Não, eu só queria dizer que a manchete poderia ser – e aí está a relevância dessa audiência pública da Presidente da Comissão de Infraestrutura, a Senadora Lúcia Vânia, e de V. Exª, P Comissão de Assuntos Econômicos – que a Presidente da Petrobras derrubou a sessão plenária do Senado hoje, literalmente.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – E isso não é para qualquer...

O SR. INÁCIO ARRUDA (Bloco/PCdoB – CE) – Mas esse é um caso em que a queda é benéfica.

ORADOR NÃO IDENTIFICADO – Gente, uma coisa pelo menos, nesse período, inédita.

A SRª ANA AMÉLIA (Bloco/PP – RS) – Inédita. Essa foi uma experiência inédita. Houve muitos Senadores inscritos, e isso derrubou a sessão. Ela está há quatro horas aqui falando dada a relevância do tema, não só por ser a maior empresa estatal brasileira, o orgulho dos brasileiros, mas pela dedicação e pela competência com que a senhora veio aqui trazer as informações de que nós precisávamos.

Então, queria cumprimentar os autores desse requerimento e, sobretudo, o desempenho da Presidente da Petrobras, dizendo que hoje ela derrubou literalmente a sessão plenária do Senado.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Muito obrigada, Senadora Ana Amélia.

Minha querida Presidente Graça.

A SRª MARIA DAS GRAÇAS SILVA FOSTER – Eu agradeço as suas palavras. E agradeço pelas suas perguntas que foram feitas bem no início da reunião. Fico muito motivada, porque, com todo respeito, a qualidade das perguntas é muito boa e permite que a Petrobras possa se pronunciar. Então, eu agradeço essa oportunidade, Senador, Senadora, a todos os senhores e senhoras.

Muito obrigada em nome da Petrobras.

O SR. PRESIDENTE (Delcídio do Amaral. Bloco/PT – MS) – Queria agradecer a todos.

Antes de encerrarmos a reunião, proponho a dispensa da leitura e a aprovação da ata da presente reunião conjunta, porque não vamos ter tão cedo uma audiência pública conjunta.



Se todos estiverem de acordo permaneçam como se encontram.

(Pausa.)

Aprovado.

Para concluir: amanhã, às 11 horas da manhã, presença do Presidente Alexandre Tombini, do Banco Central do Brasil, para discutir as diretrizes, implementação e perspectivas futuras da política monetária, em atendimento aos §§ 1º e 2º do art. 99 do Regimento Interno do Senado Federal, Senador Agripino.

A reunião está encerrada.

Muito obrigado a todos.

(Iniciada às 14 horas e 34 minutos, a reunião encerrada às 18 horas e 27 minutos.)